



**INSTITUTO
FEDERAL**
Brasília

Instituto Federal de Brasília
Campus Brasília
Licenciatura em Dança

ANA JÚLIA SAMPAIO MALUF

A FALA DA RABA:

As movimentações de quadril como ato político

Brasília
2022

ANA JÚLIA SAMPAIO MALUF

A FALA DA RABA:

As movimentações de quadril como ato político

Trabalho apresentado à disciplina TCC do curso de Licenciatura em Dança para obtenção de nota parcial.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gláucia Melasso Garcia de Carvalho

Brasília
2022

ANA JÚLIA SAMPAIO MALUF

A FALA DA RABA:

As movimentações de quadril como ato político

Trabalho apresentado à disciplina TCC do
curso de Licenciatura para obtenção de
nota parcial.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Gláucia Melasso Garcia de Carvalho
Instituto Federal de Brasília
Orientadora

Prof. Fernando Antônio de Alvarenga Grossi
Instituto Federal de Brasília
Membro interno

Prof.^a Dr.^a Suselaine Serejo Martinelli
Instituto Federal de Brasília
Membro interno

“Uma bunda dessa não nasceu pra ser mandada. Ninguém manda nessa raba...”

- Pocah

À minha irmã Ana Cristhina Maluf que é
minha maior inspiração e referência de
mulher *porreta*.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a toda a comunidade rebolante que existe e resiste há anos na história.

Aos participantes voluntários deste estudo que contribuíram para que esse trabalho fosse possível. Sou muito grata pelos compartilhamentos de informações, muitas vezes íntimas e pelo tempo e confiança cedidos a mim.

Agradeço ao apoio da minha família. Aos meus pais, Ana Helena e Fares, aos meus irmãos, Ana Cristhina - que me ajudou muito na concepção deste projeto - e Yuri. À Lindinalva pelo apoio. Ao meu parceiro, José Felipe, pelo incentivo a minha arte e por todas as massagens prestadas. Aos meus tios, Berti e Andrea, pelo suporte que sempre deram. Além, claro, ao Sivuca, meu cachorro, pela companhia e fiscalização de cada etapa desta pesquisa.

Aos meus amigos queridos Guilherme, Ytalo e Lukas pelo tempo que passamos juntos mexendo a *raba*. Esses momentos me motivaram a realizar esta pesquisa.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Gláucia Melasso Garcia que foi impecável durante todo o período de orientação. Agradeço por sua leveza, objetividade, alegria e disponibilidade.

Aos membros queridos da banca, Prof.^a Dr.^a Suselaine Martinelli e Prof. Fernando Grossi que tiveram significativas contribuições para o meu processo, desde a concepção do projeto em Metodologia da Pesquisa quanto em Leitura e Produção de Texto II.

Ao Alberth Sant'Ana, pela solicitude nas orientações para a realização das pesquisas bibliográficas e no processo de formatação do trabalho segundo às normas da ABNT.

Ao Instituto Federal de Brasília que me acolheu desde o primeiro semestre. Foram anos de muita aprendizagem, amizades e felicidade. Guardarei com carinho cada momento que vivi nesse espaço.

E não podia deixar de agradecer à minha própria *raba*, que além de ser a inspiração primeira deste trabalho, ainda me sustentou na cadeira nas longas jornadas de escrita e pesquisa que possibilitaram a conclusão deste trabalho.

*“A bunda, que engraçada.
Está sempre sorrindo, nunca é trágica.*

*Não lhe importa o que vai
pela frente do corpo. A bunda basta-se.
Existe algo mais? Talvez os seios.
Ora — murmura a bunda — esses garotos
ainda lhes falta muito que estudar.*

*A bunda são duas luas gêmeas
em rotundo meneio. Anda por si
na cadência mimosa, no milagre
de ser duas em uma, plenamente.*

*A bunda se diverte
por conta própria. E ama.
Na cama agita-se. Montanhas
avolumam-se, descem. Ondas batendo
numa praia infinita.*

*Lá vai sorrindo a bunda. Vai feliz
na carícia de ser e balançar.
Esferas harmoniosas sobre o caos.*

*A bunda é a bunda,
Redunda”.¹*

*“Ah, tá bom, agora quer mandar em mim
Coitadin, não passa de um contatin
Abaixa o tom, respeita a mamãe aqui*

*Olha ele todo, todo se achando, tá metendo o louco
Daqui a pouco eu vou fazer que nem eu fiz com o outro
Se quando eu danço te incomoda, amor, eu acho é pouco
Ai, que ranço!*

*Deixa eu te lembrar que eu não sou obrigada a nada
Ninguém manda nessa raba
Uma bunda dessa não nasceu pra ser mandada
Ninguém manda nessa raba
Deixa eu te lembrar que eu não sou obrigada a nada
Ninguém manda nessa raba
Uma bunda dessa não nasceu pra ser mandada
Ninguém manda nessa raba*

*Olha como ele baba
Oi, baba, baby, nessa raba
Oi, baba, baby, baba
Oi, dá um close nessa raba
Oi, baba, baby, baba
Oi, baba, baby
Ninguém manda nessa raba”²*

¹ Carlos Drummond de Andrade. A Bunda, que engraçada.

² Pocah, Wallace Vianna, Pedro Breder, André Vieira. Não sou Obrigada.

RESUMO

As movimentações de quadril vastamente utilizadas pelas danças funk e *twerk* ganharam visibilidade mundial após adentrarem nas culturas midiáticas. Apesar de sua popularização essas movimentações ainda não são bem vistas por grupos conservadores. O presente estudo visa compreender o que essas danças, com ênfase nos movimentos de quadril, podem comunicar à sociedade. A fim de entender o fenômeno acerca das movimentações pélvicas e seus potenciais benefícios e poder comunicativos adotou-se métodos de pesquisa qualitativa com entrevistas semiestruturadas, correlacionado à literatura de interesse. O grupo de respondentes foi intencional – praticantes assíduos do rebolado - visando a riqueza de informações até a saturação teórica. Podemos constatar que o principal grupo praticante debruça sobre as mulheres, negros e pessoas LGBTQIAP+. Os resultados obtidos apontam que as visões depreciativas sobre as movimentações pélvicas são frutos de uma sociedade estruturada no machismo, racismo e moralismo. Na contramão desse discurso, a fala da *raba*, cerne deste estudo, sugere um confronto simbólico visando a libertação, a autonomia e a descolonização desses corpos oprimidos.

Palavras-chave: danças de resistência; movimentos de quadril; movimentação pélvica; confronto simbólico.

ABSTRACT

The hip movements widely used by funk and *twerk* dances gained a lot of worldwide visibility after entering media cultures. Despite their popularity, these movements are still not very well seen by conservative groups. The present study aims to understand what these dances with an emphasis on hip movements can communicate to society. In order to understand the phenomenon about pelvic movements and their beneficial and communicative potential, qualitative research methods were adopted with semi-structured interviews, correlating with the literature of content of interest. The sample was intentional - assiduous practitioners of to shake their hips - aiming at the wealth of information until theoretical saturation. We can see that the main practicing group focuses on women, blacks and LGBTQIAP+ people. The results obtained indicate that the derogatory views on pelvic movements are the result of a society structured in male chauvinist, prejudice, racism and moralism. Contrary to this discourse, the speech of the *raba*, the core of this study, suggests a symbolic confrontation, aiming at liberation, autonomy and decolonization of these oppressed bodies.

Keywords: resistance dances; hip movements; pelvic movement; symbolic confrontation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

Figura 1 - Gráfico número de mortes violentas de LGBTI+ entre 2000 a 2021	11
Figura 2 - Gráfico ranking geral de gêneros musicais mais tocado no Spotify Brasil em 2019	14
Figura 3 - Gráfico ranking geral das palavras que mais são citados em letras de funk em 2019	15
Figura 4 - Cantora Tati Quebra-Barraco. Foto: Paulo Whitaker/Reuters	22
Figura 5 - Show da festa da cidade. Cantora Anitta. Foto: Leon Rodrigues	23
Figura 6 - Dança Mapouka	24
Figura 7 - Robin Thicke e Miley Cyrus performando na MTV Video Music Awards de 2013. Jeff Kravitz/FilmMagic	25
Figura 8 - Mapa esquemático simplificado contendo o panorama geral	29
Figura 9 - Mapa temático contendo o panorama geral	31
Figura 10 - Os sete chakras principais	41
Figura 11 - Tipos de assédio virtual	54

Tabelas

Tabela 1 - Características descritivas dos respondentes	28
Tabela 2 - Categorias e descrições dos conteúdos das entrevistas	30

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	OBJETIVOS	17
2.1	Objetivo Geral	17
2.2	Objetivos Específicos	17
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
3.1	Funk	20
3.2	<i>Twerk</i>	23
4	METODOLOGIA	26
4.1	Tipo de Estudo: teórico-empírico	26
4.2	Levantamento Bibliográfico	26
4.3	Metodologia Qualitativa	26
5	RESULTADOS	29
5.1	Sujeito: Aspectos identitários e percurso na dança	32
5.2	Espaços Praticados	36
5.3	A Própria Percepção	39
5.4	A Percepção dos outros	43
5.4.1	<i>Tópico: Visão Positiva</i>	44
5.4.2	<i>Tópico: Visão Negativa</i>	45
5.4.2.1	<i>Tema: Machismo</i>	45
5.4.2.2	<i>Tema: Preconceito</i>	48
5.4.2.3	<i>Tema: Racismo</i>	54
5.4.2.4	<i>Tema: Moralismo</i>	56
5.5	A Origem do Rebolado	60
5.6	A Fala da <i>Raba</i>	61
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
	REFERÊNCIAS	65
	APÊNDICE A — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	70
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA	71
	APÊNDICE C – LETRA DA MÚSICA “NÁDEGAS A DECLARAR”	72

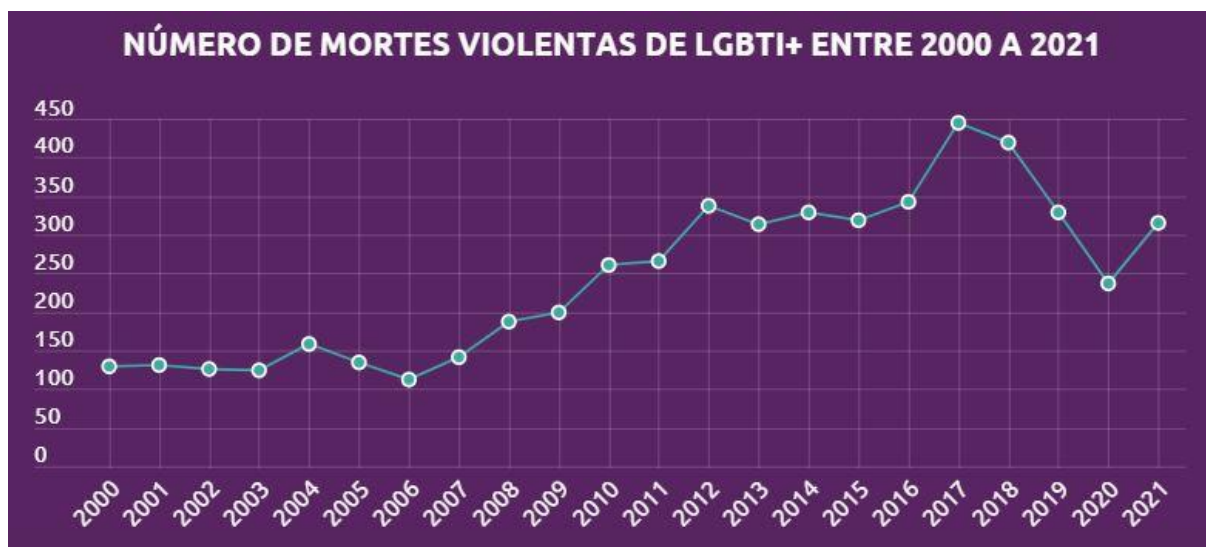
1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade considerada machista. Isso acarreta muitos problemas, tais como assédio, violência, estupro, objetificação da mulher, desigualdade de direitos entre gêneros, diferença salarial, dentre outros. A violência é enorme:

Em 2021, ocorreram um total de 1.319 feminicídios no país, recuo de 2,4% no número de vítimas registradas em relação ao ano anterior. No total, foram 32 vítimas de feminicídio a menos do que em 2020, quando 1.351 mulheres foram mortas. Em 2021, em média, uma mulher foi vítima de feminicídio a cada 7 horas. A taxa de mortalidade por feminicídio foi de 1,22 mortes a cada 100 mil mulheres, recuo de 3% em relação ao ano anterior, quando a taxa ficou em 1,26 mortes por 100 mil habitantes do sexo feminino. (Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Violência contra mulheres em 2021)³

Segundo o cronômetro da violência no Brasil do site *Instituto Patrícia Galvão*, uma menina ou mulher é estuprada a cada 10 minutos. Três mulheres são vítimas de feminicídio por dia. Uma mulher trans⁴ ou travesti⁵ é assassinada no país a cada dois dias. Trinta mulheres sofrem agressão física por hora.

Figura 1 - Gráfico número de mortes violentas de LGBTI+ entre 2000 a 2021



Fonte: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>

³ <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>

⁴ Trans: Transgênero: É um indivíduo cuja identidade de gênero difere em diversos graus do sexo biológico. Transexual: É a pessoa que busca ou passa por uma transição social que pode incluir a transição por tratamentos hormonais ou cirúrgicos a fim de se assemelhar com sua identidade de gênero.

⁵ Travesti: Corresponde ao indivíduo do sexo masculino que usa roupas e adota formas de expressão de gênero femininas mas que não necessariamente deseja mudar suas características primárias

Esta situação é pautada na crença de que homens e mulheres possuem papéis distintos na sociedade, que regula o comportamento feminino no que lhe permite ou não fazer, o que define o como as mulheres devem se portar socialmente.

São atitudes enraizadas na cultura nacional que, felizmente, passaram a ser contestadas e atacadas por legislação recente (Lei Maria da Penha⁶, Lei do Assédio Sexual⁷, etc.) e são questionadas por movimentos sociais, em especial o das feministas, buscando transformar este status quo construído ao longo de décadas, em busca de uma relação de mais igualdade e mais inclusão.

Além das lutas feministas, outros grupos, ditos minoritários, como negros, indígenas, lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis entre outros, vêm buscando o direito à fala na contramão de discursos conservadores. No entanto, lutar contra um sistema bem estabelecido não é fácil. É preciso subverter toda uma lógica, desorganizando as bases na qual a sociedade se apoia.

O machismo, como consequência de fator histórico, social e econômico, tenta controlar os corpos e os comportamentos femininos. As mulheres se privam de suas vontades em detrimento a vontades de outrem. Deste modo, ações como *balançar a bunda* publicamente é considerado imoral e inapropriado. São consideradas atitudes de mulheres desclassificadas e vulgares que não tem prestígio social.

A região pélvica está intimamente ligada ao sexo e mexer essa região é restrita à satisfação masculina segundo a ótica machista. Essa nítida repressão sexual aliada ao prazer proibido feminino pode gerar travas na área do quadril. Segundo Baker, a irrupção de emoções e sensações, tais como excitação sexual, pode acarretar em formação de *couraças* - tensões musculares -.

A energia vai se acumulando até tornar-se excitação sexual, mas ela vê-se forçada a recuar, retraindo a pélvis, enrijecendo os músculos das coxas e das nádegas, segurando a respiração ou cerrando as mandíbulas, e não se permitindo pensar ou sequer olhar para alguma coisa que venha a perturbar esse autocontrole. Aos poucos, chega a perder a sensação do desejo sexual, mas descobre que seu corpo está todo tenso e com os músculos endurecidos. Em outras palavras, ficou encouraçada. Este processo vai continuando enquanto o nível de energia continua a subir. Finalmente, transborda os limites assumindo a forma de sintomas neuróticos (BAKER, 1980, p. 25).

⁶ BRASIL, Lei nº11.340, de 7 de Agosto de 2006. Visa proteger a mulher de violência doméstica.

⁷ BRASIL, Lei Nº10.224, de 15 de maio de 2001.

Além disso, as mulheres são diariamente bombardeadas pelas mídias com padrões de beleza feminina inatingíveis. Assim, há uma relação de permanente insatisfação com seus corpos ao não se reconhecerem nos moldes estabelecidos.

Para resgatar a autoestima e aprender a lidar melhor com sua sexualidade a mulher moderna busca práticas de danças consideradas sensuais, tais como dança do ventre, *twerk*, *poledance*, *stiletto* e funk entre outras. Todas elas têm o movimento do quadril executado de modo muito marcante. A movimentação dessa parte do corpo fortalece o assoalho pélvico prevenindo uma série de problemas incluindo a incontinência urinária e fecal, comum em mulheres após o trabalho de parto, ou em seu processo de envelhecimento.

(...) e o fortalecimento abdominal influencia na força e na função da musculatura do assoalho pélvico (...). A continência urinária na mulher é garantida pelo assoalho pélvico, portanto, este deve ser trabalhado nos treinamentos, nas academias e nos clubes, como qualquer outro músculo do corpo. (KORELO, Raciele; KOSIBA, Célia; GRECCO, Letícia; MATOS, Rafaela, 2011, p.81)

(...) a dança do ventre exerceu influência na musculatura do assoalho pélvico, favorecendo o fortalecimento da mesma, além de trazer outros benefícios às praticantes. (...) Frente a tais resultados e ciente da importância de um assoalho pélvico fortalecido, conclui-se que a dança do ventre, utilizada para fortalecimento da musculatura pélvica, poderia servir como forma de prevenção para o aparecimento de disfunções. (SILVA, Aline, 2009)⁸

Em paralelo a esse contexto, houve a popularização do gênero musical funk carioca e com ele o de sua dança *rebolante*. Assim, a *bunda* passou a ser o centro das atenções. O funk tem sido um porta voz das culturas periféricas. Esse gênero musical rompeu as barreiras das favelas e invadiu as festas das elites brancas e as rádios de todo o país. Segundo Taísa Machado, pesquisadora de dança e sexualidade, crescida na periferia do Rio Janeiro e criadora do projeto Afrofunk⁹, relata em seu livro:

São danças de periferia do mundo todo e que, num certo momento, geraram uma cena mundial de bunda (...) antes rebolar era vulgar, agora pra muitas mulheres, em escala global, rebolar é empoderamento. É o funk, o dancehall jamaicano, o kuduro angolano, o twerk dos Estados Unidos, que hoje domina também a Europa. E todas essas danças têm movimentos parecidos com os do quadrado (MACHADO, Taísa, 2020, p. 33).

⁸ Não possui número de página

⁹ Afrofunk é um projeto de danças contemporâneas produzidas nas periferias mundo afora e suas ligações com danças ancestrais e a diáspora africana. Suas oficinas debatem o lugar da mulher na sociedade, suas relações com o corpo, a sensualidade e a cultura que nasce na periferia carioca.

Ao ouvir uma música de funk é bem comum ouvirmos as palavras: *senta, bumbum, raba, quica, rebola e bunda*. Um estudo feito pelo o site Metrôpoles, apontou o funk como o gênero musical mais ouvido pelos brasileiros. Em seguida, fizeram uma análise das palavras que mais aparecem nas letras das músicas mais tocadas e o resultado não surpreende. “O funk reina absoluto entre os *hits* brasileiros no *Spotify*. São 76 músicas do gênero entre as 241 nacionais campeãs em execução” (METRÓPOLES, 2019).

Figura 2 - Gráfico ranking geral de gêneros musicais mais tocado no Spotify Brasil em 2019



Fonte: <https://www.metropoles.com/materias-especiais/o-que-tem-rolado-nas-letras-das-musicas-brasileiras>

Segundo o site, cada música de funk tem, em média, 208 palavras. Os vocábulos referentes a *bunda* e seus sinônimos são as mais usadas conforme o ranking. “Ao todo, são 160 referências à região glútea: “bunda” (9 letras); “bumbum” (7); “rabetão” (5), “raba” (2), enquanto “popotão”, “rabeta” e “popozão” aparecem em uma música” (METRÓPOLES, 2019)¹⁰.

¹⁰Site: <https://www.metropoles.com/materias-especiais/o-que-tem-rolado-nas-letras-das-musicas-brasileiras>

Figura 3 - Gráfico ranking geral das palavras que mais são citados em letras de funk em 2019



Fonte: <https://www.metropoles.com/materias-especiais/o-que-tem-rolado-nas-letras-das-musicas-brasileiras>

O que essa pesquisa nos mostra é um acentuado interesse pela *bunda* e suas movimentações. As composições de funk e seu sucesso nacional é um espelho das novas tendências e balançar a *raba* tornou-se parte integrante da cultura das festas. Isso fica ainda mais claro com aparições de vídeos caseiros nas redes sociais. Com a crescente libertação sexual das mulheres e o grito de grupos minoritários, mexer a *raba* virou sinônimo de liberdade.

A origem dessa investigação advém dos meus estudos e experiências pessoais, no qual observei grande interesse de pessoas pelos movimentos pélvicos em contexto de festa, e no relato de minhas alunas, percebendo os benefícios adquiridos pela prática.

Esta pesquisa se justifica na dança, pois ela é a base que utilizamos para a nossa reflexão teórica, mas promove sua contextualização sociocultural, nossa época e sociedade, subtemas que se interpenetram na análise.

Deste modo, um dos objetivos deste trabalho é verificar se os movimentos de quadril - leia-se aqui movimento de quadril como reboladas e joelhos semiflexionados como mencionados nas letras de funk citados anteriormente - se comunicam de forma intencional com a sociedade e levantar possíveis mensagens que esses movimentos provocam.

Não há muitos estudos acadêmicos a respeito da *raba*, pois além de ser algo novo é ainda mal vista por se tratar de movimentações consideradas imorais e não tem o mesmo prestígio que outras danças consagradas socialmente, como por exemplo, o ballet clássico, o *jazz* e as danças de salão. Mas, considerando os dados citados e as preferências populares, há um crescente interesse por essas movimentações. Em outras palavras, a comunicação, por meio das movimentações dos quadris, está em voga e precisa ser estudada e escutada.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Compreender o que a dança com ênfase nos movimentos de quadril pode comunicar à sociedade.

2.2 Objetivos Específicos

- Pesquisar as principais origens histórico culturais dos movimentos de quadris.
- Identificar segmentos sociais que utilizam movimentos de quadril como ação contestatória.
- Identificar os espaços sociais em que os movimentos de quadris são praticados.
- Relacionar movimentos de quadril - circundação da pelve - e ações de empoderamento pessoal e social.
- Refletir e entender as movimentações de quadril como ato político.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste primeiro capítulo aborda algumas danças que possuem a movimentação do quadril como sua marca. Existem diversas danças com o foco nos quadris, tais como, dança do ventre, funk, *twerk*, *mapouka*, *tahiti*, samba, dentre inúmeras outras. No entanto, foca apenas na dança do ventre, no *Twerk* e no funk carioca como recorte e amostra representativa das *reboladas* e suas implicações sociais no Brasil que discutiremos mais adiante.

Não há um consenso do exato lugar onde surgiu a dança do ventre, pois não há registros etnográficos que comprovem sua trajetória. Portanto, não podemos afirmar sua origem nem a data de seu surgimento, embora o local mais provável seja o antigo Egito. Com a falta de informação precisa, surgiram diversas teorias acerca de seu nascimento.

A teoria mais aceita afirma que a dança do ventre tinha uma conotação sagrada, surgindo a partir de rituais religiosos de antigas civilizações do Oriente Médio. Cultuavam divindades femininas, tais como a deusa Isis, arquétipo da Grande-mãe, pela vida gerada através do ventre da mulher. Portanto, eram danças ritualísticas em prol da fertilidade por meio das movimentações de quadris. Outras teorias afirmam também que, devido ao fortalecimento da região pélvica, era um preparo para um parto mais saudável. Essas primeiras movimentações foram o embrião da dança do ventre que se pratica nos dias de hoje (PENNA, Lucy, 1993; BENCARDINI, Patrícia, 2002)¹¹.

Mais tarde, com a invasão dos árabes na região do Egito em 640 d.C e, conseqüentemente, a mistura das duas culturas e sob a influência do Islamismo, que a dança deixou de ser sagrada e tomou uma conotação artística (BENCARDINI, Patrícia, 2002).

O nome original da Dança do Ventre é chamado pelos árabes de *Raks el sharki*, que significa Dança do Leste. Durante a expedição exploratória dos franceses ao Egito no final do século XVIII, os europeus tiveram contato com a dança do ventre. Por se tratar de uma dança que chama muita atenção por suas movimentações de quadris diferenciadas, o que as distingue das danças europeias que priorizam braços e pernas, apelidaram a dança de *Danse du ventre*. Mais tarde foi traduzida pelos

¹¹ Este trabalho adotou o uso do primeiro nome das autoras nas citações em prol de valorizar a mulher, subvertendo as normas da ABNT

americanos como *bellydance* e no Brasil como Dança do Ventre (SHAY & SELLERS-YOUNG, Bárbara, 2005).

Durante esse período, os franceses encontraram basicamente dois tipos de bailarinas: as *ghawazi* e as *awalim*. As *ghawazi* (singular: *ghazya*) eram consideradas ciganas, dançavam em locais públicos com plateia de ambos os sexos. Eram mulheres autônomas e descritas por Salgueiro (2012) como sendo:

A aparência física exuberante, com o uso de argolas no nariz, grossas tornozeleiras e de tatuagens no rosto, e a ausência do véu, combinados com o hábito de fumar a shisha (narguilé) e consumir bebida alcoólica são elementos que diferenciavam as *ghawazi* como classe artística e chocavam os turistas europeus. Utilizavam-se de acessórios para diversificar sua performance, como espadas, lenços, bastões ou equilibravam vasos e velas acesas na cabeça. A remuneração por seus shows era feita diretamente à artista e a gorjeta (nuta), como se vê nas performances contemporâneas de dança do ventre no mundo árabe, era despejada por sobre a artista ou depositada diretamente em seu corpo. A relativa liberdade de que gozavam as *ghawazi* rendeu-lhes má fama entre os europeus e, conseqüentemente, desvalorização de seu trabalho (SALGUEIRO, Roberta, 2012, p. 32 e 33)

Importante citar que as *Ghawazi* também dividiam os mesmos espaços com bailarinos que eram chamados de *Khawal*. Ao contrário do que se pensa, a dança também era praticada pelos homens. (SALGUEIRO, Roberta, 2012)

Já as *awalim* (singular: *almeh*) tinham mais prestígio social. Não eram somente bailarinas, mas também cantoras, musicistas e poetisas. Tais habilidades lhe conferiam uma categoria diferenciada, sendo melhores pagas em comparação às *ghawazi*. As *awalim* se apresentavam em locais privados como cortes e casas e sua audiência era limitada apenas às mulheres. Na presença masculina, a imagem das *awalim* eram ocultadas atrás de biombo ou cortinas. (SALGUEIRO, Roberta, 2012)

Assim, espaços públicos e privados eram bem definidos, sendo a primeira (as *ghawazi*) vista com maus olhos, como algo vulgar, e a segunda (as *awalim*) mais bem aceita. Ambas eram privadas de dançar na presença dos estrangeiros que não eram bem-vindos, pois poderiam corrompê-las. (SALGUEIRO, Roberta, 2012)

No entanto, com a crise financeira do Egito, as *ghawazi* passaram a dançar nas ruas, com todo tipo de audiência, em busca de sustento. Devido ao seu caráter público, acredita-se que os colonizadores tiveram seus primeiros contatos com a dança por meio das *ghawazi*. A exposição das mulheres aos “infiéis” gerou uma insatisfação dos líderes religiosos, o que resultou na proibição da dança. As bailarinas, então, foram marginalizadas e expostas à exploração e, muitas delas, passaram a ser dançarinas-prostitutas (SALGUEIRO, Roberta, 2012)

A colonização europeia impactou drasticamente a imagem das bailarinas de dança do ventre. Desse modo, pode-se dizer que essa arte milenar passou por diversas alterações desde seu nascimento, indo do sagrado ao profano, carregando esse estigma até os dias de hoje.

Em seu livro *Orientalismo*, Edward Said (1990) chama o *orient* como invenção *ocidental*. Os europeus dividiram o mundo entre leste e oeste, conferindo ao último uma cultura exótica e inferior, uma vez que se difere do referencial colonizador. Por meio dessa estratégia política, culturas ditas orientais sofrem descriminalização e apropriação cultural.

De acordo com Salgueiro, nos anos entre 1940 e 1990, a chamada Era de Ouro, o cinema egípcio estava em expansão e com ela, as aparições das bailarinas de dança do ventre. Como resultado, a dança se popularizou no país, agora com um viés mais cênico e performático.

Atualmente nos países árabes, segundo a antropóloga Najwa Adra (2005), a dança do ventre é extremamente popular e praticada como entretenimento em ambientes privados ou publicamente em casamentos ou celebrações. Já a dança não profissional é realizada em espaços privados somente para família ou amigos mais próximos. A dança possui caráter improvisado, descontraído e informal.

Em outras palavras, a dança do ventre percorreu séculos de história, transformando-se até chegar na forma que conhecemos hoje. Sua jornada perpassa por marginalização, discriminação, proibição, exploração dentre outras interpretações que desvalorizam seu valor artístico. Apesar disso, segue sendo praticada em todos os continentes. Portanto, a dança do ventre é mais que uma arte milenar, é uma linguagem de sobrevivência, um testemunho vivo, dinâmico e pulsante.

3.1 Funk

O funk brasileiro possui raízes na periferia, e se trata, portanto, da classe mais pobre do Rio de Janeiro. A origem do nome provém do funk estadunidense que embora sejam gêneros distintos, o nome permaneceu o mesmo. A palavra funk surgiu nos Estados Unidos com conotação associada a sexo: “tratava-se de uma gíria dos negros americanos para designar o odor do corpo durante as relações sexuais” (MEDEIROS, Janaína, 2006, p.13). Com o tempo o nome deixou seu significado pejorativo e passou a ser orgulho negro. Segundo Hermano Vianna, “tudo pode ser

funky: uma roupa, um bairro da cidade, o jeito de andar e uma maneira de tocar música, que ficou conhecida como funk” (VIANNA, 1988, p.20).

O gênero musical Funk é fruto de uma mistura de *Black Music* dos Estados Unidos com elementos do *Soul*, *Jazz* e *Blues* que, anos mais tarde, foi aderido a subgêneros, tais como *Freestyle* e o *Rap*.

Só a partir da década de 1980, com a influência de um novo ritmo proveniente da Flórida, o Miami Bass, que apresentava uma batida mais acelerada e músicas mais erotizadas, que se começa a reconhecer a emergência do chamado Funk no Brasil, isto é, de um gênero musical que se apropria de outras batidas e técnicas para a formação de um novo ritmo, recortado e mixado” (COUTINHO, 2014, p.894)

O DJ Marlboro foi um dos grandes responsáveis pela consolidação do funk brasileiro. Ele introduziu a bateria eletrônica que perdura no gênero até os dias atuais, dando origem ao estilo musical Funk Carioca. Lançou seu disco no final na década de 1980 e a chamou de Funk Brasil. As músicas eram uma fusão de hip-hop, electro e música popular brasileira e as letras eram em português, sendo, o novo gênero, inteiramente nacional. (MACEDO, Suzana, 2003)

A imprensa brasileira descobriu o potencial do funk e seus respectivos bailes na década de 70.

É em decorrência dessa expansão que a indústria fonográfica representada pelas grandes gravadoras descobre o funk no Brasil que até então era totalmente independente de intermediários. Era um movimento de massa para massa, produzido na periferia para consumo direto e desintermediado da própria periferia” (VIANA, 2010, p.4).

Nos anos 2000 o funk passa por algumas mudanças. Ultrapassa os limites das periferias e passa a ser ouvido em lugares frequentados pela classe média. Nessa época estourou o *Bonde do Tigrão* e a *Tati-Quebra-Barraco*. Tati, foi uma das precursoras do funk cantado por mulheres, um marco na história do funk. Suas letras continham conteúdos sobre sexo, empoderamento e liberdade.

Figura 4 - Cantora Tati Quebra-Barraco. Foto: Paulo Whitaker/Reuters



Fonte: <https://guia.folha.uol.com.br/noite/2016/05/1773197-tati-quebra-barraco-e-carreta-furacao-estao-no-roteiro-de-festas-veja.shtml>

Atualmente o funk domina o mercado brasileiro juntamente com o sertanejo. Existem vários subgêneros de funk, sendo os mais comuns: o funk carioca, o funk ostentação - ou funk paulista-, funk consciente, funk pop e funk proibidão. O funk carioca é considerado tradicional, uma vez que o gênero funk nasceu no Rio de Janeiro. Já o funk pop é o mais valorizado dentre eles, pois atinge um maior público, podendo alguns, inclusive, atingir mercado internacional. Esse último tem muita influência do hip-hop norte americano. (POLITIZE, 2018)¹²

Quanto a dança desse gênero, no geral, é bem diversificada. O *passinho*, clássico do funk, virou, inclusive, patrimônio cultural imaterial do Rio de Janeiro em 2018. Outro passo bastante famoso no meio é o *quadrinho*, que consiste em apoiar

¹² Site: <https://www.politize.com.br/funk-no-brasil-e-polemicas/>

os braços nos joelhos semi-flexionados e reproduzir o desenho de um quadrado por meio de encaixe e desencaixe de quadris. Outras variações de passo que abarcam as *reboladas* são bastante características do gênero.

Por se tratar de um passo que movimenta a região pélvica projetada para cima, muitas pessoas a consideram vulgar. Apesar disso, a dança tem se popularizado bastante e está presente em praticamente todos vídeos clipes de novas músicas lançadas desse gênero. É bastante comum presenciarmos essas danças em contextos de festas, shows e bares.

O funk, de um modo geral, expressa a realidade das favelas, abordando o cotidiano, a violência, a pobreza e também abordando sexo. Esse último, juntamente com sua dança típica vigente, protagonizou polêmicas que incomodam a dita “moral” da sociedade brasileira.

Figura 5 - Show da festa da cidade. Cantora Anitta. Foto: Leon Rodrigues



Fonte: <https://m.leijaja.com/cultura/2019/12/07/anitta-fara-shows-de-reveillon-em-paulista-e-recife/>

3.2 Twerk

O *Twerk* é um estilo de dança norte-americana que possui os movimentos de quadris como sua característica marcante. É muito comum as pessoas compararem

o *twerk* com o funk por suas semelhanças de movimentos pélvicos. A origem do nome *twerk* segundo o dicionário Oxford, é possivelmente a junção da palavra *twist* - torção - com *jerk* - movimentos repentinos -. Outra possibilidade da origem seja a semelhança com a palavra *work* - trabalho- conforme Lucille Toth.

The Oxford Dictionaries blog says that the term 'twerk' most likely derives 'from a blend of twist or twitch and jerk, although the verbal use relating to the dance is probably influenced by similar uses of the verb work'. (TOTH, Lucille, 2017, p.292)

Embora seu surgimento advenha dos Estados Unidos é inegável a influência das danças de tribos da África Subsaariana como a Mapouka¹³ - dança típica da Costa do Marfim -. Integrada à cultura *bounce music* do *hiphop* em *New Orleans*, nos Estados Unidos, a dança se moldou e se popularizou pelo país na década de 90. Segundo Lucille Toth (2017, p.292) "The term appears in street language in late 1990s in New Orleans with the rise of the local Southern hip-hop known as 'bounce'".

Figura 6 - Dança Mapouka



Fonte: https://www.paulnas.nl/en/portfolio_page/senale-malin/

¹³ "Mapouka (também macouka) é uma dança tradicional da região de Dabou , no sudeste da Costa do Marfim, originada dos povos Aizi, Alladian e Avikam. É também conhecido como "la danse du fessier" ou "a dança do atrás"". Fonte: (<https://stringfixer.com/pt/Mapouka>)

Cantoras pop norte-americanas como Miley Cyrus e Rihanna apareceram fazendo referências a essa dança em clipes das músicas *we can't stop* e *work*, respectivamente.

Figura 7 - Robin Thicke e Miley Cyrus performando na MTV Video Music ¹⁴



Fonte: <https://www.usmagazine.com/celebrity-news/news/miley-cyrus-teases-dad-with-twerking-pic-ahead-of-vmaw-appearance-w499735/>

¹⁴ MTV Video Music Awards de 2013, no Brooklyn, Nova York, em 25 de agosto de 2013. Jeff Kravitz/FilmMagic for MTV

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de Estudo: teórico-empírico

A metodologia utilizada foi através da revisão da literatura sobre os benefícios que as movimentações de quadril podem trazer, danças de resistência e contestatórias, empoderamento feminino e as correlações dos resultados encontrados com os dados recolhidos por meio de entrevistas qualitativa baseada nas ciências humanas e de caráter exploratório e descritivos.

4.2 Levantamento Bibliográfico

Foram utilizados para a discussão da narrativa, livros, textos, monografias de conclusão de curso, artigos, teses de doutorado, documentos eletrônicos, dissertações de mestrado, além dos dados coletados das entrevistas qualitativas realizadas. As pesquisas tiveram relação com os seguintes temas: dança, dança resistência, dança contestatória, danças afro, dança do ventre, funk, *twerk*, autoestima feminina, confronto simbólico, cultura machista e sexualidade.

Os materiais para análise foram coletados das seguintes fontes:

- a) Bibliotecas: Acervo Bibliográfico particular da autora.
- b) Buscas eletrônicas nas bases de dados de artigos científicos e documentos eletrônicos: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES; SciELO (The Scientific Electronic Library Online); site: PubMed, através do acesso à base bibliográfica MEDLINE, desenvolvida pela NLM (National Library of Medicine)
- c) Buscas nos sites: Google Acadêmico: <http://scholar.google.com.br> e Wiley Online Library: <http://onlinelibrary.wiley.com>
- d) Além de redes Sociais de Pesquisadores como o Research Gate site: www.researchgate.net e o Academia site: <https://www.academia.edu/>

4.3 Metodologia Qualitativa

A metodologia qualitativa permite a investigação de fenômenos em profundidade. Segundo Minayo, são "[...] aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas". Utiliza-se de dados

descritivos e subjetivos por meio de registros escritos e falados para compreender algum tipo de comportamento humano. (Taylor & Bogdan, Marjorie, 1998).

Dado que a resposta para as perguntas que norteiam esse trabalho não se encontra apenas em pesquisa bibliográfica, faz-se necessário uma investigação de caráter qualitativo. A fim de entender o fenômeno acerca das movimentações pélvicas e seus potenciais benéficos e comunicativos, utilizou-se entrevistas semiestruturadas com as perguntas norteadoras mostradas no apêndice B deste trabalho.

Com relação aos entrevistados, foi utilizada uma amostra intencional, ou seja, participantes ricos em informações sobre o tema a ser pesquisado. A fim de abranger ainda mais os resultados foi recolhido uma amostra diversa, contendo profissionais e observadores do fenômeno de dança de modalidade específicas (dança do ventre, funk e *twerk*); e mulheres e homens pertencentes ou não à comunidade LGBTQIAP+. ¹⁵

O tamanho da amostra foi de 5 entrevistados, contando com 4 bailarinos profissionais e/ou professores danças e 1 observador do fenômeno. Essa última foi entrevistada por se tratar de ser a namorada de uma das entrevistadas - casal homossexual - e acompanhar o trabalho dela de perto há quase 7 anos, compartilhando relatos relevantes para a pesquisa sob um outro ponto de vista.

As entrevistas foram feitas por meio de conversas telefônicas ou pessoalmente de acordo com a disponibilidade dos participantes nos meses de Maio e Junho de 2022. Os áudios das entrevistas foram gravados para serem melhor analisados posteriormente, e com autorização prévia do entrevistado. Além disso, foi aplicado um termo de consentimento - contido no apêndice A deste trabalho - que as informações fornecidas serão registradas e analisadas pela autora da pesquisa para trabalho de conclusão de curso da Licenciatura em Dança.

As informações coletadas foram cuidadosamente analisadas e agrupadas por categorias com palavras chaves e ideias centrais, conforme o método de Laurence Bardin. O método consiste em pré-análise, exploração do material e interpretação (BARDIN, 2016). O resultado dessa pesquisa foi correlacionado com a literatura de

¹⁵ Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, *Queer*, Intersexo, Assexual, Pansexual. O “+” é o símbolo para abranger a pluralidade de orientações sexuais e variações de gênero não atendidas pelas letras. Fonte: <https://www.fundobrasil.org.br/blog/o-que-significa-a-sigla-lgbtqia/>

conteúdo de interesse e interpretadas como possíveis respostas para o fenômeno estudado.

Tabela 1 - Características descritivas dos respondentes

Nome*	Profissão	Modalidade	Idade	Gênero	Orientação Sexual	Cor	Reside	Religião
MC Ceilândia	Bailarino, Professor de dança	Funk , Jazz e Dança Contemporânea	27	Homem cis ¹⁶	Homossexual	Pardo	Brasília	Espiritualista
MC Recanto das Emas	Bailarina, Professora de dança	Funk, Dança do Ventre, twerk , forró, Ballet, Jazz, Contemporâneo	27	Mulher cis	Bissexual	Branca	Brasília	“Cristã” (ex evangélica)
MC Santo Antônio do Descoberto	Produtora Professora Ed.Física	Observadora (namorada de 2.C)	28	Mulher cis	Homossexual	Parda	Brasília	Não possui. (ex evangélica)
MC São Paulo	Bailarina, Professora de dança e jornalista	Funk , Danças Africanas e Urbanas, Dança do Ventre , Vogue	34	Mulher cis	Heterossexual	Preta	São Paulo	Espiritualidade de matriz africana
MC Rio de Janeiro	Bailarina, Professora de dança	Funk, Twerk e Danças Urbanas	22	Mulher trans - travesti	Pansexual	Branca	Rio de Janeiro	Não possui

*Pseudônimo -

Os pseudônimos adotados tiveram inspiração dos MC muito comum no universo do funk. Segundo o site Significados¹⁷, MC significa Mestre de Cerimônias, podendo ser um artista musical ou ainda um apresentador. Os MCs geralmente escrevem suas letras e recitam e interagem com o público. O segundo nome adotado, refere-se ao local de moradia do respondente.

¹⁶ Cisgênero ou Cis é o indivíduo no qual a identidade de gênero corresponde ao sexo biológico

¹⁷ <https://www.significados.com.br/mc/#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20MC%3A,ligado%20a%20uma%20manifesta%C3%A7%C3%A3o%20musical.>

5 RESULTADOS

O conteúdo fornecido pelos entrevistados foi extremamente rico e amplo. Todo material da entrevista foi analisado e dividido em 6 eixos: *O sujeito* (aspectos identitários e percurso na dança); *espaços praticados*; *a própria percepção*; *a percepção dos outros*; *a origem do rebolado*; e por fim, *a fala da raba*.

O *Sujeito* compreende ao estudo do grupo social em que se pratica a *rebolada* abarcando seus aspectos identitários e percurso na dança. *Espaços praticados* visa compreender quais locais sociais que esse fenômeno ocorre. *A própria percepção* diz respeito à percepção que o indivíduo tem de si ao mexer a raba, compreendendo quais sensações essa prática gera.

A categoria *percepção dos outros* foi a mais extensa, precisando ser subdividida em tópicos. As subdivisões foram feitas por dois diferentes públicos: as que apoiam, ou seja, tem uma visão positiva do evento. E as que não apoiam, por consequência, as que têm uma visão negativa do evento. A essa última subdivisão, visão negativa, foi subdividida em outros 4 temas, a fim de compreender os motivos pelos quais essas pessoas questionam o *rebolado*.

A *origem do rebolado* foi a última categoria a ser inserida, pois surgiu de forma espontânea durante as entrevistas, trazendo a origem e aspectos culturais das movimentações pélvicas. E, por fim, *a fala da raba* que agrupou depoimentos da intencionalidade do *rebolado* e, entender, afinal, qual é a sua expressão e o que ela diz à sociedade. Esse último eixo compreende a cerne deste estudo.

Figura 8 - Mapa esquemático simplificado contendo o panorama geral

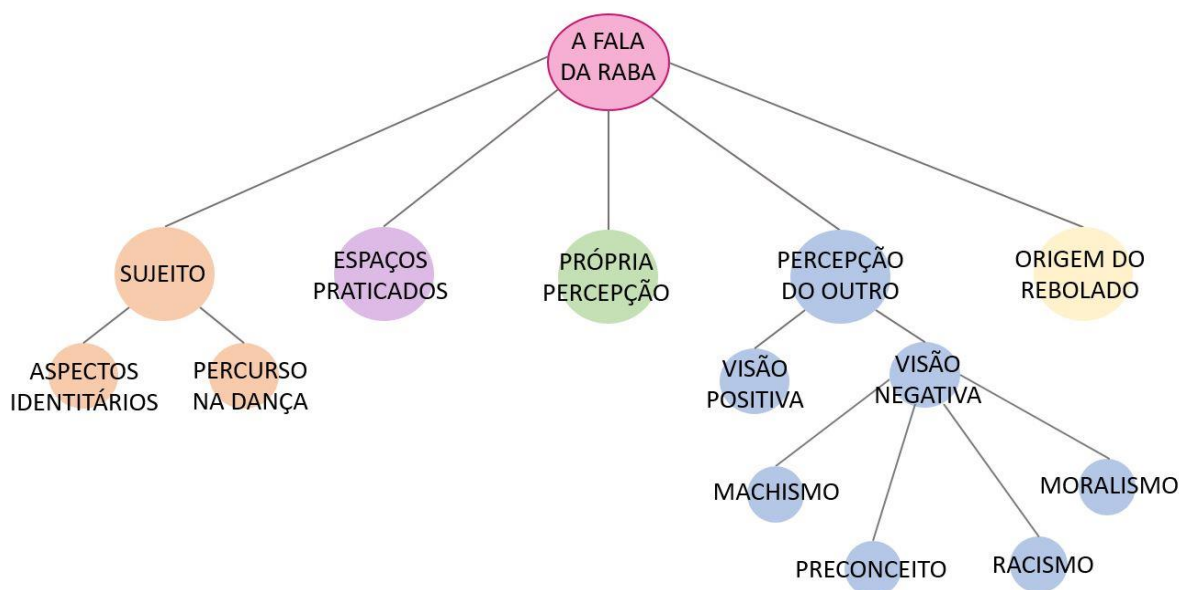
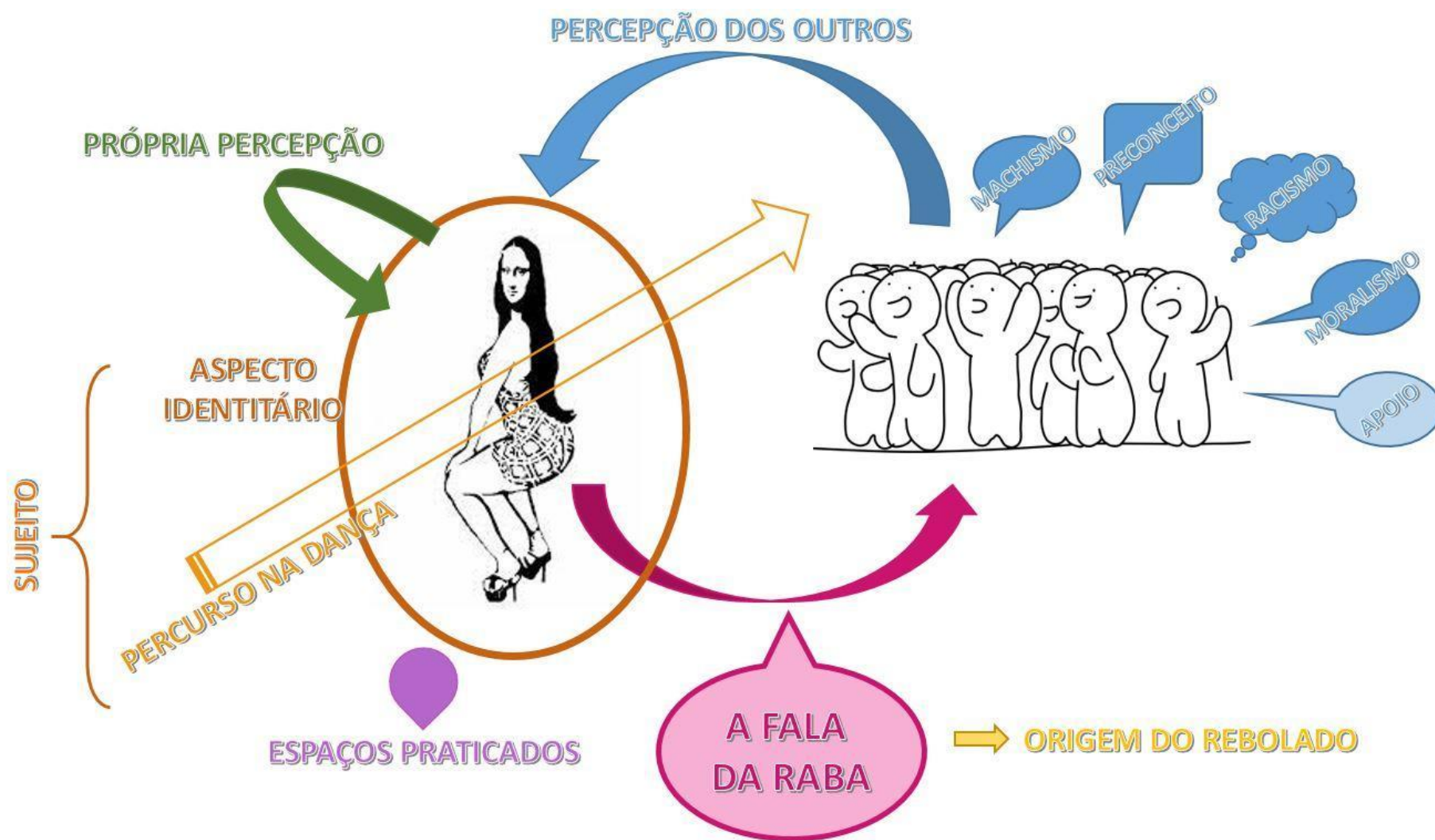


Tabela 2 - Categorias e descrições dos conteúdos das entrevistas

CATEGORIA	TÓPICO	TEMA	DESCRIÇÃO	
Sujeito	Aspectos Identitários		Aspectos no qual caracteriza a identidade do sujeito, tais como gênero, cor, idade, orientação sexual, religião etc	
	Percurso na Dança		História do percurso artístico do sujeito. Como iniciou seus estudos na dança até chegar ao <i>rebolado</i>	
Espaços Praticados			Espaços construídos socialmente no qual o fenômeno do <i>rebolado</i> ocorre. Espaços coletivos -contexto de festa-, espaços íntimo - privado	
Própria Percepção			Percepção que o indivíduo tem de si quando <i>rebola</i> . Quais sensações sente e percebe.	
Percepção dos Outros			Como o rebolado é percebido pelo observador.	
	Visão Positiva		Aprovação social quanto a prática de <i>rebolar</i> . Incentivo, apoio e elogios do observador	
	Visão Negativa		Reprovação social quanto a prática de <i>rebolar</i> . Negação, crítica e repúdio do observador	
			Machismo	Reprovação social por um viés machista. Falas com teores machista, normalmente sexualizando os corpos rebolantes
			Preconceito	Reprovação social por preconceito. Falas que tendem a menosprezar e acuar o indivíduo que <i>rebola</i> .
			Racismo	Reprovação social por racismo. Falas de racismo quanto a cultura preta.
	Moralismo	Reprovação social por viés moralista. Falas em defesa da moral segundo religiões de cultura branca		
Origem do Rebolado			Onde e quando surgiu a prática do <i>rebolado</i> . Quais culturas a adotam.	

Neste trabalho adotou-se as citações das falas dos depoentes em itálico e iniciados com um travessão para melhor diferenciar-se das citações dos teóricos.

Figura 9 - Mapa temático contendo o panorama geral



5.1 Sujeito: Aspectos identitários e percurso na dança

Esse eixo marca o início da entrevista e busca conhecer os entrevistados através de suas características identitárias e sua trajetória na dança. Para descrever a amostra, foi perguntado a cada entrevistado a sua profissão, idade, gênero, orientação sexual, cor e religião, além das motivações que o levaram até a prática do rebolado.

Como já mencionado, o grupo de respondentes foi intencionalmente selecionado, visando a riqueza de informações dos participantes. Portanto, todos eles possuem experiências com práticas rebolantes e, 4 dos 5 entrevistados são bailarinos e professores de dança. Todos os 4 bailarinos afirmaram dançar funk, além de outras modalidades. Além disso, a modalidade de *twerk* e dança do ventre - danças com ênfase no quadril - também foram mencionadas como uma prática estudada por 2 dos entrevistados - Olhar tabela 1 (página 24) -.

A faixa etária dos entrevistados é de 22 a 34 anos. Quatro deles se identificaram como pertencentes da comunidade LGBTQIAP+, sendo um deles gay, uma lésbica, uma bissexual e uma pansexual. Com relação à cor, dois se identificaram como pardos, duas como brancas e uma como negra.

No que tange a religião, este foi o aspecto mais difícil de classificar, pois a maioria afirmou ter uma espiritualidade, mas não muito bem definida. MC Recanto das Emas e MC Santo Antônio do Descoberto disseram ser ex evangélicas. Hoje se consideram cristãs, acreditam em Deus e no mundo espiritual, mas já não seguem uma instituição.

– Eu me considero cristã, mas também é uma coisa que eu estou tentando me descobrir (...) hoje eu não tenho certeza de nada (...), mas eu sei que acredito em Jesus, em Deus, em Espírito Santo, nos Deuses, nas Deusas, nos poderes, nas entidades, eu sei que o mundo espiritual existe. (MC Recanto das Emas, 27 anos, mulher cis, branca)

– Eu não tenho religião, mas acredito no mundo espiritual... já fui de igreja, já fui católica, já fui evangélica, já fui espírita, já fui tudo, por isso eu acredito em tudo um pouco porque eu acredito que a verdade está em todas elas. (MC Santo Antônio do Descoberto, 28 anos, mulher cis, Parda)

Já MC Ceilândia, afirma ser espiritualista, isto é, não possui uma religião específica, acredita no mundo espiritual e no politeísmo.

– Espiritualidade é algo completamente diferente de religião (...) eu enquanto lugar de espiritualista (...), eu vou enxergar que Cristo, ele é amor, e que jamais vai julgar alguém por sua raça, cor ou orientação sexual. Por isso que

ele é amor (...) O ser espiritualista, ele você vai buscar na religião, na vida ou nas divindades, nos mestres, aquilo que é bom, aquilo que vai fazer ele evoluir. (MC Ceilândia, 27 anos, homem cis, pardo)

MC São Paulo afirma que, embora não frequente nenhuma instituição, acredita na espiritualidade de matriz africana e MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca alegou não possuir quaisquer crenças religiosas.

A maioria dos entrevistados disse ter interesse pela dança desde cedo.

– Tem vídeo meu dançando na boquinha da garrafa com 6 anos de idade, minha mãe me filmando e falando “vai, vai, arrasa!” (...) meu ex-padrasto tinha uma prima que era muito do axé e do funk. E ela ia para Bahia, comprava os DVDs da Axé Moi de Porto Seguro e levava para casa. Antes da gente ir para catequese a gente ficava ensaiando lá em casa as dancinhas de axé para apresentar. (MC Ceilândia, 27 anos, homem cis, pardo)

– Minha família sempre foi muito de dançar de forró (...) E meu tio foi minha primeira referência (...) ele dançava muito (...) ele dançava dança do ventre (...) E eu via ele dançando dança do ventre e eu ficava assim “meu deus, que coisa incrível! ” Ele era meu ídolo, eu era muito fã dele. (MC Recanto das Emas, 27 anos, mulher cis, branca)

– Foi de inspiração de família, primeiro, de casa (...). Eu via todo mundo dançando. Eu dançava muito com meu tio forró. Ele me pegava, jogava para o alto, girava de cabeça para baixo. (MC Recanto das Emas, 27 anos, mulher cis, branca)

– A minha família é de maranhenses, né (...) e aí o que eles faziam muito eram festas na casa da minha tia. E aí, ia todo mundo e dançava muito reggae. Então eu via as pessoas dançando reggae. E eu assistia muita televisão, assim, anos 90. Então era muito xuxa, paquitas you can dance, é o tchan, essa galera, entende? (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

Os relatos acima nos mostram a relevância do apoio familiar para o desenvolvimento da criança e como essa influência pode acarretar em novos rumos para as carreiras profissionais quando adultos. Estudiosos apontam a importância do núcleo familiar na educação infantil.

O ponto de partida dessa discussão é o fato de que o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola. Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia. [...] De fato, aprendizado e desenvolvimento estão interrelacionados desde o primeiro dia de vida da criança. (VIGOTSKY, 1994, p.110)

A investigação sobre a importância dos ambientes familiares, realizada nos últimos 25 anos, mostra que as crianças têm vantagens quando as suas famílias apoiam e encorajam a educação (EPSTEIN, 1992).

Além do incentivo familiar, alguns entrevistados também disseram ter estímulo nas escolas e programas sociais.

– *Eu danço desde criança, desde quando eu entrei no Sesi que foi a escola que me abriu as portas para as artes. (...) A minha escola sempre me incentivou a dançar, a fazer arte. Então, lá tinha 3 matérias, né, que era música, dança e teatro, e aí eu sempre fazia as três.* (MC Ceilândia, 27 anos, homem cis, pardo)

– *Uma amiga levou uma professora de Ballet para a igreja, um projeto social (...) só que não tinha estrutura nenhuma. A gente começou sem nada, fazendo Ballet do jeito que dava. E foi lá que eu comecei alongamento, aí eu me forçava a fazer abertura e tal* (MC Recanto das Emas, 27 anos, mulher cis, branca)

Assim, podemos perceber a importância do papel das escolas na formação do artista bem como a transformação da arte na vida do indivíduo.

A educação artística propõe-se a criar nos indivíduos não tanto aptidões artísticas específicas, mas sobretudo um desenvolvimento global da personalidade, através de formas as mais diversificadas e complementares possíveis de atividades expressivas criativas e sensibilizadoras. (ANDRADE, Euzania, 1998, p.140)

MC São Paulo e MC Rio de Janeiro apesar de interesse desde cedo pela dança, só iniciou aulas depois da adolescência com 21 e 16 anos, respectivamente.

– *Eu sempre estudei em escola pública e não tinha dinheiro para fazer aula de dança. A minha primeira aula de dança, já foi depois da faculdade, né, eu me formei aos 20 anos e aos 21 eu entrei em uma pós-graduação no UniCeub (...) e aí lá tinha um projeto de alunos darem aula do que eles sabiam dar aula para terem desconto na mensalidade. E aí, tinha uma menina que dava aula de dança do ventre, e aí eu fiz a minha primeira aula de dança que foi de dança do ventre.* (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

– *Comecei desde sempre. Eu sempre dancei, eu sempre gostei de dançar. Sempre foi uma coisa muito natural do meu corpo. Eu comecei a fazer aula de dança de fato, e a estudar mais a fundo dança quando eu tinha 16 anos que aí eu comecei a fazer mais aula de hip-hop, stiletto, funk.* (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

MC São Paulo, que é uma mulher negra, conta que seguiu a carreira de dançarina entrando em diversos grupos profissionais de danças, algo inconcebível na visão dela quando criança.

– *A primeira vez que eu subi em um palco, eu falei, mano eu quero isso para minha vida. Quando eu era criança eu não imaginava que era possível você ser profissional da dança, você viver de dança. Eu não sabia que as “paquitas” dançam e ganhavam dinheiro para estar ali. Eu não podia imaginar que isso era uma profissão. Até porque eu não via ninguém parecido comigo na televisão. Não tinha “paqueta” preta, nem dançarina preta, não tinha bailarina preta. Ninguém parecido comigo. Então eu imaginei, bom, pra pessoas como eu isso não existe. Eu não via isso como uma possibilidade de vida”.* (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

Em sua trajetória estudou danças afro brasileiras tradicionais, simbologias dos orixás¹⁸, Técnicas Silvestres¹⁹, *Afro House*²⁰, *Kuduro*²¹, *Dancehall*²² e funk. Tais fazeres artísticos reafirmam a ideia de identidade e coopera com a consciência do “ser negro” em meio a nossa sociedade racista.

Impulsionados por um certo pertencimento identitário do “ser negro” e sua (re)existência pós-colonizatória na atualidade, tais Movimentos Culturais e Artísticos de afirmação e empoderamento negro na comunidade local/global contemporânea nos convoca o debate sobre o que compreendemos por identidades em territórios da afrodiaspora. (...) No caso da pessoa afrodescendente, indígena ou quilombola, o papel das lutas emancipatórias sob um viés de reconhecimento e afirmação identitária para a valorização do seu corpo existência podem ser atribuídas aos espaços de expressão artística coletiva e de ritualidades dessas danças – tais como os terreiros de candomblé, quilombos, rodas de samba, afoxés, torés, dentre outros. (CONRADO, Ana Amélia; BIRIBA, Raissa, 2021, p.3)

MC Rio de Janeiro seguiu seus estudos nas danças urbanas até conhecer o *twerk*, modalidade de dança que estuda a fundo os movimentos pélvicos. Natural do Rio de Janeiro, o funk faz parte de sua cultura, aprendendo de forma natural em festas que frequentava. Assim, somou as duas modalidades e hoje ministra aulas *twerk* e funk.

– *Toda festa que tem contexto de pessoas racializadas, de pessoas LGBT's , toca muito funk carioca, toca muito brega funk. Então, em toda festa, praticamente, do RJ você vai ter rebolado, né.* (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

– *Comecei a explorar um pouco mais as danças urbanas e a partir disso eu fui conhecendo pessoas. Eu fui participando de eventos. Até chegar o momento de começar a trabalhar com isso, né? (...) Daí eu conheci o *twerk* também (...) o funk sempre foi uma coisa que fez muito parte da minha movimentação também. Então, o rebolado em si sempre foi uma movimentação muito natural para mim” ... e eu me encontrei nessa área* (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

– *Eu descobri a potência do meu rebolado, dançando com outras pessoas, tanto em ambiente festivo de estar curtindo, de estar dançando e estar ali se divertindo e as pessoas gostarem, e as pessoas olharem, e as pessoas admirarem. Então eu percebi essa potência do meu rebolado através desse contexto e também, né, fazendo parte de grupo de dança de cia.* (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

¹⁸ Dança que encena gestos de divindade

¹⁹ Dança desenvolvida por Rosângela Silvestre. A técnica é fundada na prática corporal conectada a elementos das danças sacralizadas dos orixás.

²⁰ *Afro House* é uma mistura de dança eletrônica com outros estilos de ritmos africanos e tribais.

²¹ *Kuduro* é uma dança e gênero musical angolana que tem influências de outros gêneros como *Sungura* e *Rap* (pt.wikipedia.org/wiki/Kuduro)

²² *Dancehall* é uma dança e gênero musical Jamaicano com influência do *Reggae*

Interessante notar a influência da cultura da cidade na construção do corpo dançante. De acordo com Mendes e Nóbrega (2009), um corpo humano possui historicidade tanto orgânica como nas interações culturais, além de suas especificidades individuais. Portanto, o ato humano é construído simultaneamente pelo viés biológico e cultural, chamado pelas autoras de biocultural.

O corpo humano, ao estar atado ao mundo em que vive, cria movimentos e, ao mover-se, cria sentidos, desequilibra, inverte (...) nosso corpo guarda e cria a história que nos concebe como indivíduos da espécie humana, desde que nascemos. (...) O corpo humano possui historicidade tanto na estrutura orgânica quanto nas interações com a cultura em que se convive. (MENDES; NÓBREGA, 2009, p.4)

Pensar que a cultura de movimento envolve a relação entre corpo, natureza e cultura por meio de uma lógica recursiva é pensar que as técnicas corporais influenciadas pelo funcionamento orgânico e pelas trocas culturais, ao mesmo tempo em que criam e recriam os jogos, as danças, os esportes, as lutas ou as ginásticas, provocam mudanças tanto no organismo quanto na sociedade em que estão inseridas. (MENDES, Maria Isabel; NÓBREGA, Terezinha, 2009, p.6)

Embora identificado a relevância da cultura local na movimentação do corpo dançante, não será aprofundado neste trabalho.

Assim como MC Rio de Janeiro e MC Recanto das Emas também aprendeu funk em festas e também conheceu o *twerk*.

– Foi quando eu praticamente saí do ballet (...) eu não queria mais, sabe quando você não quer mais? (...). Sabe quando você quer outra coisa para sua vida? Daí eu falei “cara, eu gosto muito de funk” eu sempre gostei muito de funk, de dançar (...) Foi através das meninas que dançam twerk no IFB e eu vi que era algo que eu gostava e falei “Ah, vou fazer”. E comecei a fazer aula lá. Eu gostava muito. Era mais livre e parecido com funk, né. (MC Recanto das Emas, 27 anos, mulher cis, branca)

5.2 Espaços Praticados

Após conhecer um pouco a história dos entrevistados, procurou-se investigar os espaços sociais em que o rebolado ocorre. Dentre esses espaços, buscar quais promovem mais conforto para serem praticados e seus respectivos motivos. Entende-se neste trabalho por espaço social como um espaço construído socialmente em caráter coletivo ou individual.

O espaço social é aquele que é percebido entre os indivíduos que participam de um coletivo. É de natureza imaterial, refere-se aos vínculos que traçam as relações entre os indivíduos e a sociedade e que formam o tecido social. Que se representam através de fios invisíveis, de natureza comunicativa que

fazem a coesão social, é a cola que reúne os homens em lugar comum. Podemos ler diferentes esferas do tecido social, onde se realizam coletivos específicos, cujo objeto de ação é a produção econômica, a organização política e a vida social (EGLER, Tamara, 2003, p.1)

Os sujeitos, ao reunirem-se para vivenciar ou apreciar determinada prática corporal, contribuem com a construção do espaço social. Espaço esse que vai sendo construído individual e coletivamente. (MENDES, Maria Isabel; NÓBREGA, Terezinha, 2009, p.7)

Para MC Ceilândia e MC São Paulo todos lugares podem ser dançados.

– Qualquer lugar que eu tenha vontade de mexer a raba, eu mexo (...) O público não me interfere (...). Se eu tiver numa festa que só tenha heterossexual e de repente tocar um funk eu não vou me sentir reprimida de mexer minha raba. Pelo contrário, eu vou mexer minha raba, sim. (MC Ceilândia, 27 anos, homem cis, pardo)

– Eu danço em qualquer lugar, literalmente em qualquer lugar. Não tem um lugar em que eu não me sinta bem. Nem o lugar nem as pessoas interferem. (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

Já para MC Recanto das Emas e MC Rio de Janeiro, nem todos os lugares se sentem à vontade em rebolar. Em festas de família, MC Recanto das Emas diz que: *Eu não me sinto muito à vontade para fazer isso.*

– Eu não vou para qualquer lugar (...) e falo “ai eu vou ficar à vontade em qualquer lugar”, porque eu não vou. Tem lugar que não vai me receber, que não vai me querer naquele espaço. Então são lugares que eu não tenho interesse em frequentar. (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

Todos os entrevistados contaram que sentem mais liberdade em dançar em festas LGBTQIAP + e festas racializadas. Segundo MC São Paulo, *geralmente eu vou em festa de cultura pretas. Protagonizadas por pessoas pretas. E quando eu não vou nessas, eu vou para trabalhar.*

– Numa festa gay, todo mundo é igual, está no mesmo barco. Numa festa hetero [heterossexual], tem uma diferença entre o gay e os heteros. Porque os héteros, eles não dançam, eles não têm um contato com o corpo. A gay não, por mais que ela não saiba dançar, ela está ali curtindo. (MC Ceilândia, 27 anos, homem cis, pardo)

– Festa LGBT tem incentivo. As “bixas” vai tudo junto, junta a “sapatão”. Todo mundo é muito unido nessas festas, entendeu? Para curtir. (...). A MC Recanto das Emas, 27 anos, mulher cis, branca [falando da namorada] pode ser um pouco mais do que se ela fosse para uma festa de hetero. Que daí, os homens já acham que por ela está dançando daquele jeito, ela está aberta para poder passar a mão da bunda, para poder tirar uma gracinha e na verdade não é, né. Na verdade, ela só está se divertindo”. (MC Santo Antônio do Descoberto, 28 anos, mulher cis, Parda)

– Acho que eu me sinto mais à vontade em festas que normalmente são mais voltadas especificamente para o público LGBT, para pessoas racializadas porque acaba sendo um ambiente que eu me sinto mais confortável, mesmo,

né, para me movimentar sem estar sendo julgada, sem sentir que eu vou está sendo olhada torta, né (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

É um sentimento comum também entre os entrevistados a prática de amigos com finalidade de diversão. *Quando eu estou com meus amigos... é muito divertido*, comenta MC Ceilândia. *Principalmente se eu estiver com umas pessoas que eu conheço. É gostoso né, é um rolê, e a gente está junto e a gente se diverte.* (MC Rio de Janeiro). Segundo MC Rio de Janeiro, o rebolado também promove uma rede de suporte, um sentimento comunitário que nasce de experiências coletivas.

– O rebolado na verdade (...), tanto o funk quanto o twerk, eles são experiências de coletividade, eles veem de experiências de coletividade e eles se formam a partir dessa rede de suporte, dessa rede de apoio, dessa rede de aprendizado. (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

Além de contextos festivos, todos os entrevistados bailarinos contaram que também mexem com a *raba* quando estão sozinhos. MC Ceilândia comenta, *Às vezes eu mexo sozinho em casa para treinar (...) em contexto de festa eu mexo para me exhibir. Já fiz muito me olhando no espelho. Fazendo para se admirar ou corrigir aspectos técnicos*, relata MC Recanto das Emas. MC São Paulo também comenta que dança sozinha e em qualquer lugar: *Eu me movo sozinha em casa. Me movo no banho. Me movo treinando. Me movo na balada.* MC Rio de Janeiro conta que também mexe sozinha para treinar ou preparar aula que vai ministrar.

MC Rio de Janeiro relata que também rebola nas redes sociais para divulgar seu trabalho.

– Em rede social (...) a gente não consegue controlar. E principalmente utilizando a plataforma como uma forma de divulgar o trabalho através do rebolado, a gente está sujeito a receber julgamento, receber críticas. Da mesma forma, a gente está sujeito a receber admiração e cliente. (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

Em suma, dentro desse eixo, podemos notar que o fenômeno é tanto coletivo, predominando contextos de festa, quanto individual, predominando o treino técnico ou auto prazer. Também podemos constatar que as festas em que são executadas são ou a trabalho ou a lazer. Esse último geralmente é compartilhado com amigos em festas LGBTQIAP+ e/ou festas racializadas, por haver identificação com os frequentadores. Além disso, o rebolado também está presente nas redes sociais em caráter de divulgação do trabalho do artista.

5.3 A Própria Percepção

Uma narrativa comum entre todos os participantes foi o sentimento de bem-estar, empoderamento²³, autoestima e liberdade. MC São Paulo relata: *Eu me sinto poderosa. Eu me sinto o ventre do mundo. Eu me sinto sexy. Eu me sinto gostosa.*

– (...) *uma das coisas que eu faço é mexer a “raba” porque eu acho sensual, eu acho gostoso, eu gosto de remexer meu quadril, eu me sinto bem (...) O fato de mexer a “raba” traz um empoderamento tão bom, para você, para o teu corpo, que isso me liberta. Para mim é libertário.* (MC Ceilândia, 27 anos, homem cis, pardo)

– *Amo entrar nessa questão da “raba” que foi muito poderosa na minha vida, mesmo (...) a gente se sente poderosa, né, também (...) eu me sinto livre.* (MC Recanto das Emas, 27 anos, mulher cis, branca)

– (...) *eu também faço para curtir, sem compromisso, por diversão para me sentir bem. Para me conectar com o meu corpo. Ou para me deixar mais presente* (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

Hanna relata em seu livro sobre as danças marroquinas dançadas por mulheres em espaços fechados que possui movimentos em rotações da pélvis. *Exibindo perícia sexual, divertimento e mostrando status, a mensagem da dança é: sou jovem, sou bela e sou sexualmente atraente* (Hanna, Judith, 1999, p. 91). O que nos aponta uma provável relação da movimentação de quadril com o desenvolvimento da sensualidade e autoestima.

Para MC Santo Antônio do Descoberto, que não é dançarina, foi a única entrevistada que não relatou se sentir poderosa. Comenta que se diverte muito mexendo a *raba* e considera o ato mais feminino, no qual não se identifica.

– *Falando um pouco de raba, eu não me sinto poderosa quando uso a minha raba. Quando eu danço assim, é muito na diversão, na gaiatice e eu fico muito feliz (...) eu danço feio, e eu sou feliz dançando feio (...). Eu não sou delicada. Eu não sou feminina (...). Eu não tenho essa energia feminina* (MC Santo Antônio do Descoberto, 28 anos, mulher cis, Parda)

Também estava bastante presente o sentimento de mover energia. *Acho que tem um poder muito forte de energia. Eu acho que é um portal.* (MC Recanto das Emas). *Eu sinto a energia fluindo no meu corpo. Eu sinto meu sangue correr, eu sinto a minha raba esquentar. Eu sinto meu corpo esquentar.* (MC Rio de Janeiro).

²³ Empoderamento mencionado pelos entrevistados teve o sentido comum da palavra: Passar a ter domínio sobre a sua própria vida; ser capaz de tomar decisões sobre o que lhe diz respeito: empoderamento das mulheres. (<https://www.dicio.com.br/empoderamento/>)

– Eu me sinto movendo uma energia colossal, assim, uma energia gigantesca capaz de trazer uma vida para o mundo. A energia do ventre é a energia da vida. É a energia que traz uma pessoa para o mundo, entendeu? Não existe uma força mais poderosa do que a força de uma vida (...) quando a gente mexe o quadril a gente está mexendo essa potência de trazer vida para o mundo e não tem nada mais poderoso que isso (...). Assim que eu me sinto (...). Estou movendo a força mais poderosa do mundo que é a força da vida. (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

Sobre a presença de energia nos quadris, Sara Silva (2013) conta sua experiência sobre ativação energética dessa região em uma prática chamada *Koshi*. *Koshi é uma série de exercícios que visa fortalecer a bacia* (SILVA, Sara 2013). Ela relata:

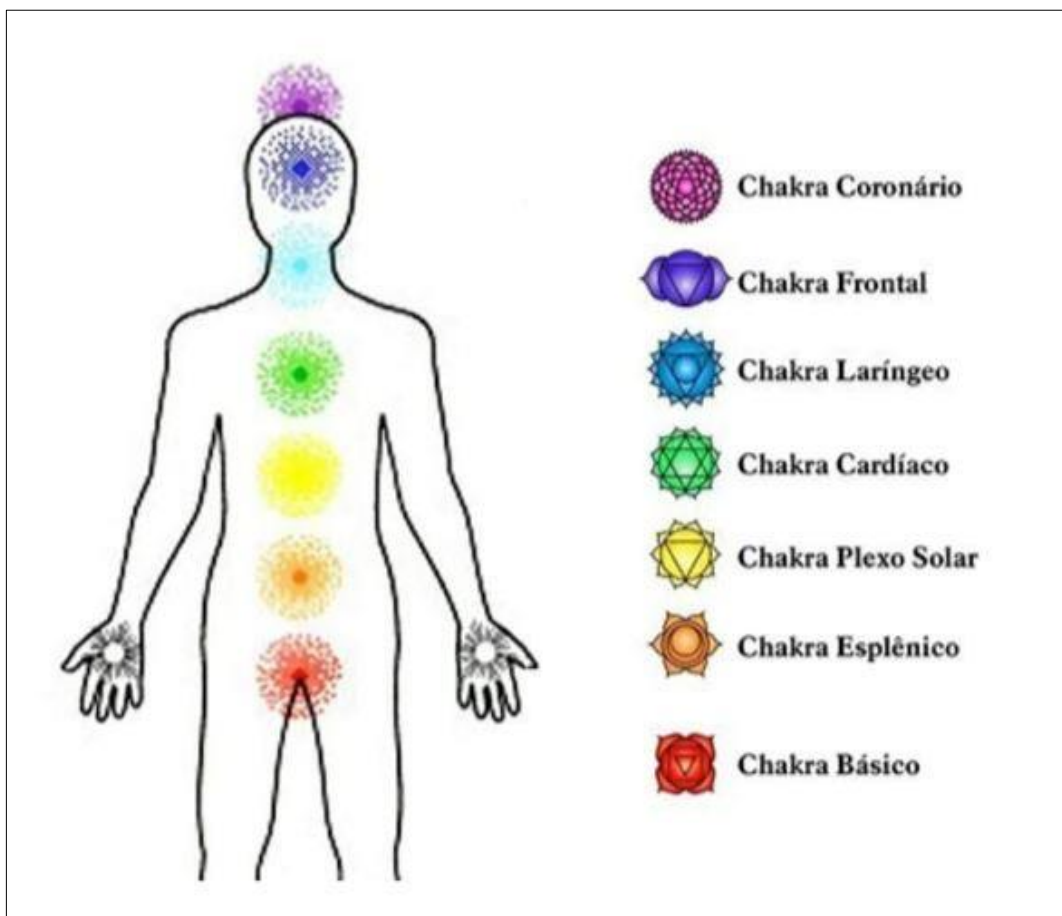
(...) Ele começou a detalhar o exercício, citando uma possível ativação energética da região e movimentação dos chakras básico, umbilical e plexo solar. Praticando, pude observar o aquecimento da região pélvica, a melhora da respiração, da postura, da concentração e do foco. (...) Essa experiência só me confirmou a possibilidade de usar a técnica de quadril da dança do ventre para a ativação energética e alinhamento dos chakras, visto que também é um exercício para o fortalecimento da bacia (SILVA, Sara, 2013, p.53)

A função dos dois primeiros chakras, do grupo inferior, é transferir para o corpo as forças procedentes do plano físico. O primeiro chakra é aquele que ativa o fogo serpentino da terra, também conhecido como kundalini. (SILVA, Sara, 2013, p.61 e 62)

Taísa Machado também fala sobre a circulação de energia e ativação do chakras promovida pelas movimentações de quadril.

E não é só nos países africanos, existem lugares no mundo onde, diferente do Brasil, rebolar é sagrado. Na Ásia, tem Ori Tahiti, dança da Polinésia. (...) Você vai na Kundalini yoga e eles vão falar que se você mexe muito essa parte do seu corpo [o quadril], vai ativar coisas. Algumas culturas e filosofias acreditam que a kundalini é um estado espiritual que é ativado pelos movimentos circulares da lombar e, a partir dessa ativação, você ativa 6 chakras, que são centros de energia do corpo física. (MACHADO, Taísa, 2020, p. 36)

Figura 10 - Os sete chakras principais



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/337558934557534339/>

Segundo ela, as atividades relativas ao chakra básico são viscerais e instintivas e sua ativação, entre outros, seria com exercícios de movimentação circular pélvica, relaxando as tensões na região. O segundo chakras, ou chakra sexual, encontra-se na base dos órgãos sexuais e está ligado aos *impulsos eróticos, a sexualidade e sensualidade, a circulação dos elementos vitais, a busca do prazer e as funções de desintoxicação do organismo* (SILVA, Sara, 2013, p.63). Para ela a movimentação de quadril promove uma circulação energética podendo circular energias bloqueadas do praticante.

Esses estudos vão ao encontro das falas dos entrevistados. Além disso, dois dos entrevistados alegaram que o movimento promove auto prazer no praticante, o que pode confirmar a circulação de fluxo energético do segundo chakras.

– (...) e se popularizou justamente por conta disso... é divertido, é gostoso, estimula o prazer, estimula muito prazer por isso é viciante rebolar a raba.
(MC Ceilândia, 27 anos, homem cis, pardo)

– O movimento desperta muitas coisas né. Tem gente que sente vontade de chorar, tem gente que goza. E eu já quase gozei várias vezes rebolando (...) é um caminho de descobrir esse o gozo, né, essa forma de acessar a libido que pode servir tanto para o gozo, do sexual, mas também para vida, né da energia vital. (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

Em seu livro, Taísa Machado também fala sobre o prazer envolvido no rebolado.

Mulheres rebolam, mulheres rebolam por muitos motivos, e o principal deles é que a gente gosta. A bunda é nossa e a gente faz com ela o que a gente quiser! Mas foi na base da experimentação e da observação que eu entendi uma coisa prática e profunda: as mulheres rebolam porque quando a gente rebola a vagina se lubrifica. (MACHADO, Taísa, 2020, p.34)

Segundo Ana Abrão e Luiz Pedrão os benefícios à saúde para a praticantes de dança do ventre são inúmeras.

(...) que a dança do ventre ajudou a estimular a criatividade, trabalhar a feminilidade da mulher, diminuir a timidez e as tensões pré menstruais, aumentar a auto-estima e facilitar o processo digestivo. Mostrou ser um meio saudável de obter saúde mental e facilitar a formação de vínculos afetivos. As mulheres casadas, praticantes de dança do ventre, relataram melhora no relacionamento com o marido e mais ânimo para as atividades diárias, e as solteiras relataram sensualidade, relaxamento e o corpo mais modelado. De certa forma, é consenso entre casadas e solteiras que essa dança trouxe contribuições positivas tanto para a saúde física quanto para a mental e pode ser considerada como uma estratégia para educação integral e sobretudo sexual, que estimula a valorização da vida, tanto nos aspectos individuais quanto coletivo (ABRÃO, Ana Carla; PEDRÃO, 2005, p.247)

O que está de acordo com a fala da MC São Paulo com relação à saúde da mulher e às movimentações de quadril.

– As movimentações de quadril sempre existiram. Elas auxiliam no parto, elas preparam as mulheres para o parto. Elas podem ser abortivas, elas podem ser fertilizantes, elas podem aumentar ou a diminuir a fertilização, aumentar ou diminuir cólica ou aumentar ou diminuir o fluxo menstrual. (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

Segundo a professora adjunta do Departamento de Fisioterapia da UFBA (Universidade Federal da Bahia) e doutora em ciências da saúde Adriana Saraiva, em entrevista para o site uol, há benefícios físicos em circundar a pélvis, desde que bem orientada quando se trata de fortalecimento do assoalho pélvico.

Em resumo, os benefícios proporcionados pela prática do rebolado foram apontados por todos os entrevistados, destacando o bem-estar, o empoderamento, a diversão e o auto prazer.

5.4 A Percepção dos outros

Esse eixo compreende a parte mais extensa da pesquisa e visa investigar o modo como é percebido o movimento da *raba* pelo *outro*, quais opiniões e sentimentos esses movimentos provocam no terceiro. Segundo os entrevistados, o rebolado chama muita atenção dos observadores.

– (...) eu estava me sentindo o gostoso porque tinha várias caras lá que estavam olhando para minha raba. Eu atraía muitos olhares. (...). Isso afeta as pessoas. Isso atravessa as pessoas. É nesse ponto que a gente tem que entender qual é o olhar desse terceiro, do observador. Porque ao mesmo tempo que esse corpo está afetando quem está observando, quem observa também vai afetar quem está ali em cena no meio. Há uma comunicação. (MC Ceilândia, 27 anos, homem cis, pardo)

– Sempre chamava muita atenção das pessoas essa forma de se mover. Chamava tanto no sentido de “ai, pra que isso?”, quanto no sentido “caraca, você faz isso muito bem”. (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

– Tem uma coisa da conquista, não somente no sentido da sexualização, mas também no sentido de atrair, né. No sentido de conquistar. Da pessoa ter interesse em ver, em acompanhar. (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

Segundo a autora Judith Hanna, a dança tem o poder de evocar desejos e fantasias.

O instrumento da dança e da sexualidade é o mesmo - corpo humano -, o movimento da dança atrai a atenção (...) A experiência íntima das pessoas com seus corpos influencia suas reações à dança. O corpo é a primeira forma de poder com que as pessoas se podem identificar. (HANNA, Judith, 1999, p.40)

Ao analisar todo o material da entrevista observou-se que há basicamente dois tipos de observadores: os que admiram o movimento e os que repudiam. *Tinha gente que reclamava e tinha gente que amava.* (MC Recanto das Emas)

– Tem pessoas que gostam e admiram e que apoiam. Tem pessoas que, óbvio, vão achar que é ridículo, que vão achar que está querendo chamar atenção, ou que nem vão considerar como um trabalho como uma pesquisa. (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

Assim, esse eixo foi dividido em dois tópicos: visão positiva e visão negativa do rebolado. Entende-se neste trabalho como *visão positiva*, falas de aprovação social direcionadas a favor do rebolado pela perspectiva do *rebolante*. Nesse sentido, *visão negativa*, se direcionam à falas de reprovação social que negam o *rebolado* na perspectiva do rebolante.

5.4.1 Tópico: Visão Positiva

Dentre o público que apoia e admira o rebolado encontra-se majoritariamente o público feminino, pessoas LGBTQIAP+ ou pessoas que também gostam de dançar movimentando o quadril. Esse público demonstra simpatia pelo movimento expressando verbalmente ou pelo olhar. *Na festa gay é um contexto de admiração. Nossa, como ele dança. Olha que movimento bonito. Olha que expressão legal.* (MC Ceilândia). Embora o público masculino heterossexual não seja o mais expressivo em termos de apoio, o MC Ceilândia conta que já recebeu elogios desse público.

– *Eu estava atraindo muitos olhares, de homens. E as minas, também, porque as mulheres, elas são mais abertas para esse tipo de coisa. Então quando elas veem um homem dançando elas acham sensual e os homens não.* (MC Ceilândia, 27 anos, homem cis, pardo)

– *(...) de admiração no olhar também, né. De ver que a pessoa está ali numa hipnose quase, né. Quase não, chega a ser uma hipnose, é uma conquista.* (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

– *“Isso é muito bonito de ver. É muito bonito de sentir”. O que eu mais gosto de ouvir das pessoas é quando elas comentam da energia. Delas me assistirem, por exemplo, ou estarem em presença comigo e isso faz com que elas tenham vontade de dançar também.* (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

– *O público que demonstram mais apoio são normalmente mulheres, são pessoas LGBT, são pessoas negras, são pessoas que normalmente já também se encontram ali, que já tem alguma convivência com a dança, com o rebolado, com o funk e com essa atitude de desvencilhar, de se desconectar um pouco dos estigmas sociais e entender que o rebolado também é uma forma da gente descolonizar o corpo, descolonizar o saber, descentralizar.* (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca).

Alguns “admiradores” abordam o dançarino para fazer seus elogios em momentos descabíveis, a fim de impedir o movimento. MC São Paulo conta que estava dançando com amigos quando foi interrompida por uma mulher branca para questioná-la onde ela havia aprendido tais movimentações. Afirma também que é bem comum essa prática em que as pessoas se aproximam para aprender a mexer a *raba* durante as festas. Ela reprova essa atitude, pois se sente invadida.

– *Todo lugar que vai dançar rola esse momento de “ai, me ensina. Onde que você aprendeu? Nossa que legal esse movimento, me ensina?”. Isso é invasivo e as pessoas não percebem o quanto isso é invasivo (...) “você está me incomodando porque você está chamando mais atenção do que eu. Então eu preciso te parar” [relata a intenção que sente das pessoas que a interrompe]. Eu não vejo essas intervenções como elogio. Eu vejo essas intervenções como uma necessidade de chamar a atenção para si.* (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

5.4.2 Tópico: Visão Negativa

Os depoimentos mostraram que os bailarinos se sentiam atingidos pelos comentários de reprovação.

– Eu sinto muitos olhares de julgamento (...). “Se o povo está falando mal de mim, deixa falar e eu não estou nem aí”. Só que aí, quando eu chegava em casa eu me sentia mal. Eu me sentia rebaixado. Eu sentia a minha autoestima atingida (...). Eu fui entrando em depressão por conta dessas pessoas. (MC Ceilândia, 27 anos, homem cis, pardo)

– Coloquei minha raba para jogo. “E toma-lhe raba!” Teve gente que amou, mas teve gente que veio falar comigo também “Você não precisa disso. Você é muito bonita. Isso traz muitas energias ruins para você”. E isso me afetou muito. Depois disso, eu acho que eu mudei bastante, sabe? (MC Recanto das Emas, 27 anos, mulher cis, branca)

Na ótica de Teles e Melo (2003), esses depoimentos poderiam ser entendidos e configurados como um caso de violência psicológica ou moral, uma vez que os ataques recebidos, segundo os relatos, denotam restringir a liberdade de MC Ceilândia, e MC Recanto das Emas, reprimindo e ofendendo moralmente. As autoras descrevem como violência moral quando o agressor prejudica a moral da vítima, xingando, difamando e destruindo sua reputação. Esses ataques podem levar a vítima a quadros depressivos, a dependência química e até ao suicídio.

Com relação ao grupo que repudia o *rebolado*, emergiram outros quatro subtemas que apuraram os possíveis motivos pelos quais esse público não aprova o movimento.

5.4.2.1 Tema: Machismo

O tema machismo foi uma constante nas falas dos entrevistados. Adotamos o conceito de machista como o comportamento de um indivíduo que nega a igualdade entre gêneros sexuais e acredita na superioridade masculina em detrimento a mulher, subjugando-as expressa em opiniões e atitudes. (ARCINIEGA et. al., 2008)

A força particular da sociodicéia masculina lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada. (BOURDIEU, 2002, p.16)

A ocupação dos espaços públicos pelas mulheres que antes lhe eram conferidos os espaços domésticos, subdividiu-se em duas categorias: *as mulheres de rua* e *as mulheres do lar*. A primeira chamada de *vadia*, *vagabunda*, *puta* e similares.

Já a segunda, de *moça de família* e esposa. Assim, a fim de não ser confundida como uma *mulher de rua*, a mulher do lar, quando fora de casa, é controlada com seus gestos e vestimentas. (HELENE, Diana, 2013).

De um modo geral, os movimentos pélvicos são percebidos, na visão machista, como um corpo disponível, isso é, um corpo que está ali para satisfazer as vontades sexuais do observador. Palavras como *puta*, *sexualizar* e *provocar* foram bem recorrentes nos relatos conforme exemplifica MC Recanto das Emas: *É puta. É vagabunda. Não presta. Não tem valores. Não tem princípios*. Pode-se dizer assim, segundo o conceito de *mulheres de rua* e *mulheres do lar*, apresentados acima, que a mulher que rebola se distancia dos valores da mulher de família.

– Na festa “hetero” o “olha como ele dança” é um olhar de julgamento no sentido de pejorativo e negativo. “Por que que ele está mexendo a raba? Porque ele é gay. Porque ele quer chamar atenção. E se ele quer chamar atenção, eu vou comer ele porque a raba dele está me provocando” (...) Ou eles tendem a se reprimir e reprimir o outro, ou eles tendem a sexualizar extremamente (MC Ceilândia, 27 anos, homem cis, pardo)

– A gente tem uma cultura muito forte de que quem rebola não é inteligente. “Se rebola, então, só serve para foder, né?”. É somente para provocar. É somente para provocar interesse sexual. “Se rebola á porque está querendo chamar mesmo atenção. Se rebola é porque está querendo mesmo dar”. (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

– Tinha gente que não gostava quando eu mexia minha raba (...). Quando eu mexia a raba, reclamavam. Falavam que isso pegava mal, que não era para fazer esse tipo de coisa. Tive que “aprender” os momentos de mexer a raba e os momentos de não fazer. (MC Recanto das Emas, 27 anos, mulher cis, branca)

– É como se eu rebolando e mostrando meu corpo, fosse um convite para esses assédios, né. Tem essa cultura muito forte de machismo e de hipersexualização, mesmo, ao corpo que rebola e que mostra o corpo, né. (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

– As pessoas se sentem no direito de nos tocar, de nos invadir, sabe, por achar que nós estamos rebolando a raba a gente é puta. Acha que a gente está disponível para qualquer outra coisa. Não nos vêem como artistas, entendeu? Ninguém vai falar para uma bailarina “ah, fica no ponta aí e gira!” (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

– Você está dançando, rebolando a raba, passa uma pessoa do nada e dá um tapa na sua bunda porque acha que porque você está dançando com a raba para cima, dá o direito de a pessoa bater e de falar qualquer merda... porque você está ali disponível, sabe? (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

– Tem muito assédio. Porque as pessoas chegam, né, principalmente os caras, mandando fotos explícitas e mandando mensagens. E aí, eu bloqueio. (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

Além da sexualização dos corpos, os participantes também relataram exemplos de experiências em que um homem foi extremamente invasivo. MC Santo Antônio do Descoberto conta que MC Recanto das Emas estava dançando em um palco a trabalho durante um evento de carnaval quando um rapaz aproximou e começou a filmar a bunda rebolando de MC Recanto das Emas. Ela o abordou e ele se desculpou com MC Santo Antônio do Descoberto e não com MC Recanto das Emas, como se MC Recanto das Emas fosse propriedade de MC Santo Antônio do Descoberto.

– (...) ele estava quase comendo ela com os olhos. Não que não possa olhar. Ele estava sendo um pouco invasivo, e daí eu cheguei do lado e falei “bonita a bunda dela, né?” (...) Só por eu ser uma mulher, talvez não respeitaria tanto como se eu fosse um homem, entendeu? Talvez se eu fosse um homem, eles nem chegariam perto. Ou talvez ela nem estaria dançando daquele jeito porque normalmente os homens não aceitam isso. (MC Santo Antônio do Descoberto, 28 anos, mulher cis, Parda)

MC São Paulo exemplifica outra experiência quando também estava dançando no palco a trabalho.

– Eu me lembro uma vez que a gente estava dançando, e aí a gente ficava mais do meio para o fundo do palco exatamente porque ali no começo do palco ficavam as pessoas bêbadas. Enfim, e a gente não sabia o que essas pessoas poderiam fazer com a gente. E aí, eu lembro que a gente estava dançando e talz (...) e aí eu fui chegando para beira do palco (...) e aí tinha um cara. Ele falou assim “Ai, vira logo essa bunda aí e começa a rebolar”. (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

MC São Paulo relata que não teve apoio do seu ex marido na carreira de dançarina. Conta ela que em suas apresentações, o ex marido se negava a ir. Sua ascensão na carreira começou a incomodá-lo, pois sua vida não girava em torno dele.

– Eu comecei a dançar profissionalmente. Comecei a fazer clipe. A fazer show a fazer um monte de coisa. Ele não me falava diretamente “eu estou com ciúmes”. Não. Ele falava “agora você não tem mais tempo para mim.” (...) Herança patriarcal. “Eu tenho que ser o centro da vida da minha mulher. Eu tenho que ser o universo da minha mulher”. (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

Segundo Barreto (2015), relação abusiva se dá quando um exerce poder e controle, manifestando sentimento de posse, e de objetificação sobre a outra. geralmente esse comportamento se inicia de modo sutil até tomar maiores proporções. Alguns indicativos são o ciúmes excessivo, a possessividade, controle de tomada de decisões e ações do parceiro. Assim, podemos dizer que MC São Paulo sofria uma relação abusiva velada em seu discurso.

Outra participante, MC Recanto das Emas também mencionou situações de ciúmes, porém, temerosa de ser a causa do sentimento.

– Tipo, eu estou ali dançando e tem uma família ali. A mulher vai sentir o que? Ódio de mim porque o marido dela está lá e ela vai ficar com ciúmes, por exemplo (...). Eu estou causando alguma coisa ali, entendeu? Querendo ou não essa energia pode me afetar. (MC Recanto das Emas, 27 anos, mulher cis, branca)

Judith Hanna, em seu livro *Dança, Sexo e Gênero*, menciona o comportamento masculino perante as variadas danças consideradas afrodisíacas. A visão machista perante corpos subordinados atravessa diversas culturas.

As mulheres, diz Fatma H.Sabbah, são comumente observadas, concebidas e definidas exclusivamente como objetos sexuais. (...) São numerosos os exemplos de dança afrodisíaca, no mundo inteiro. As mulheres (e às vezes os rapazes) dançam para entreter homens (...) A mensagem da dançarina é serviço sexual para um ou mais dos sentidos. As culturas de dominação masculina tendem a olhar a mulher como destinada ao prazer voluptuoso dos homens, como algo para se olhar e um instrumento para uso. (HANNA, Judith, 1999, p. 85 e 96)

Em contraponto, MC São Paulo conta que a prática do Matriarcado está muito presente nas danças de cultura preta, como, por exemplo, no *Dancehall*, dança Jamaicana, em que as mulheres dançavam por cima dos homens e selecionavam com quem elas queriam dançar.

– As mulheres eram as rainhas (...). Essa prática do matriarcado nas danças, elas sempre foram muito vividas nas danças pretas. E eu acho que isso é o que incomoda muito, tipo, “como assim a mulher que manda? Como assim a mulher escolhe com quem ela vai dançar? Como assim a mulher está dançando com a “raba” para cima e os caras não estão fazendo nada? ”. Isso incomoda muito a “branquitude”. (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

5.4.2.2 Tema: Preconceito

Segundo dicionário, a etimologia da palavra *preconceito* deriva da junção do prefixo *pré-* - anterioridade - com a palavra *conceito*. E seu significado é descrito a seguir:

1. Juízo de valor preconcebido sobre algo ou sobre alguém que se pauta em uma opinião construída sem fundamento, conhecimento nem reflexão; prejulgamento
2. Repúdio demonstrado ou efetivado através da discriminação de grupos religiosos, pessoas, ideias, sexualidade, raça, nacionalidade etc.; intolerância: o racismo, a xenofobia, a homofobia são tipos de preconceito.
3. Comportamento que demonstra esse repúdio ou aversão.
4. Convicção fundamentada em crenças ou superstições; cisma.

5. Forma de pensamento em que uma pessoa chega a conclusões que entram em conflito com os fatos por os ter prejudgado. (<https://www.dicio.com.br/preconceito/>)

Ou seja, o preconceito é um julgamento antecipado sem fundamento crítico e se expressa por meio de atitudes discriminatórias.

O antropólogo e professor Kabengele Munanga, especialista em antropologia da população afro-brasileira, descreve os efeitos da propagação do preconceito pelo viés positivo e negativo. A valorização da cultura de um grupo assegurados no processo de educação de um indivíduo, garantem o sentimento de pertencimento com esse grupo. Essa valorização é a *função positiva do etnocentrismo e dos preconceitos favoráveis a seu grupo, a “nós” em relação a “outros”*. (MUNANGA)²⁴.

Valorizar a cultura, a língua, a religião, a visão do mundo e outros valores do seu grupo, de sua comunidade, de sua etnia, de sua nação, etc., para que a partir dessa valorização se possa criar a adesão, a unidade, a solidariedade e a identidade que garantem a sobrevivência do grupo. (MUNANGA, p. 6)

No entanto, destaca que o fechamento voltado para “nós” leva a intolerância aos “outros” - grupos diferentes - o que gera descriminalização e conflitos sociais.

Os preconceitos de classe, religião, gênero, sexo, idade, nacionalidade, “raça”, etnia, cultura, língua, etc., são apenas atitudes, às vezes afetivas, que existem na cabeça das pessoas ou grupos de pessoas, introduzidas através dos mecanismos educativos. Invisíveis e incomensuráveis, essas atitudes são traduzidas em opiniões verbalizadas. Podem levar indivíduos e grupos a evitar os “outros”, porque não confiam neles ou têm medo deles. (...) As discriminações têm diversas maneiras de se expressar: evitação, rejeição verbal (piada, brincadeira e injúria), agressão ou violência física, segregação espacial e tratamento desigual. Pela evitação, as pessoas se recusam a frequentar os espaços físicos frequentados pelas pessoas diferentes (homossexuais, nordestinos, negros, judeus, etc.). (MUNANGA, p. 7)

Os participantes utilizaram frequentemente a palavra *preconceito* durante suas falas para se referir a visão das pessoas sobre o *rebolado*.

– *Eu acho que o funk, ele sofre preconceito, descriminalização, tanto a música quanto a dança por ser uma cultura preta e favelada, entendeu. (...) eu acho que existe essa hostilidade direcionada às mulheres dançam movimentação de quadril.* (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

– *Tem gente que às vezes tem esse preconceito, mas quando se permite tentar, quando se permite conhecer, isso se altera. (...) A pessoas quando percebe que tem muita coisa para além daquela superficialidade com o qual ela acabou tendo contato (...) contaminada por preconceito, por uma marginalização extrema.* (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

– *E as pessoas que normalmente criticam e que vão propagar falsas informações sobre mim, sobre o meu trabalho, acabam sendo homens cis,*

²⁴ Não foi encontrado data neste artigo

brancos, heterossexuais ou até mesmo mulheres que... enfim, pessoas que tem esse preconceito contra o funk, principalmente, contra o rebolado. São essas pessoas que não vão ver sentido ne, no que a gente faz. ” (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

Diversas falas também destacam a ocorrência de situações de preconceito com relação aos movimentos da *raba*. Algumas falas demonstram relacionar o movimento com a sexualidade, *coisas de viado* e com a vulgaridade feminina, desonrando a reputação da mulher. Muitas dessas situações acontecem dentro de casa ou com pessoas próximas e da família.

– Essa figura masculina [falando do padrasto], ela me repreendia muito. (...) eu via comentários dele assim com a minha mãe... ele falava “nossa, esse menino quando crescer vai ser baitola. Ele vai ser isso. Ele vai ser aquilo. ” Desde criança eu ouvia isso. (MC Ceilândia, 27 anos, homem cis, pardo)

– (...) eu via as pessoas tendo muito preconceito com ele [falando do tio que dança dança o ventre], sabe, chamando ele de viado, essas coisas. E isso me doía muito. (MC Recanto das Emas, 27 anos, mulher cis, branca)

– Minha mãe acha super lindo. Minha mãe super adora, super aprova a MC Recanto das Emas, 27 anos, mulher cis, branca usar short curto, mas tem uma preocupação... “MC Recanto das Emas, 27 anos, mulher cis, branca, olha, tem uma festinha aqui em casa, você vem, mas aí, não vem com aquele short curto. Não dança daquele jeito”. A preocupação é sempre falar que os outros... “ah, O que os outros vão pensar? ”. (MC Santo Antônio do Descoberto, 28 anos, mulher cis, Parda)

– Os pais da MC Recanto das Emas, 27 anos, mulher cis, branca também sempre falam “Você pode ser quem você quiser, minha filha, só que o que os outros vão pensar?” (...) “isso não é um preconceito meu, mas é o que os outros da rua podem fazer alguma coisa com vocês” (MC Santo Antônio do Descoberto, 28 anos, mulher cis, Parda)

MC Recanto das Emas sofreu preconceito não só dentro de casa, mas também no trabalho. Ela conta que em uma das escolas em que ministrava aulas de dança, um dos alunos achou um vídeo dela dançando funk na internet, mexendo a *raba*. O vídeo repercutiu negativamente por toda a escola.

– Eu... ofendi toda a comunidade escolar. Eu ofendi os professores. Eu ofendi os alunos. Eu ofendi os pais. Eu ofendi a todos. Eu sou uma merda. Foi isso o que eu senti. (...) eu não posso mais ser professora porque eu rebolo minha bunda? Porque eu vou ofender todo mundo? (MC Recanto das Emas, 27 anos, mulher cis, branca)

A arte de se movimentar os quadris é muito complexa. Demanda muito anos de estudos. As pessoas imbuídas de preconceito geralmente acreditam que são movimentos fáceis de serem executados.

– (...) ignorar que aquele movimento exige uma técnica e uma intelectualidade que não é todo mundo que tem. As movimentações de quadril são movimentações que exigem uma coordenação motora muito fina. E as pessoas acham que é qualquer coisa. Que é só colocar a bunda para cima e mexer e não é fácil assim. Exige técnica, exige estudo (...) eu estudei para caralho para dançar assim. (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

– Ele é sempre visto como algo que é muito fácil. As pessoas falam que é muito fácil, mas não conseguem fazer, né. Isso é engraçado. (...) como se não fosse uma dança, né, como se não fosse uma forma válida de expressão (...) “Ela não dança. Ela só joga” (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

MC São Paulo explica que há uma crença de que as artistas que movem os quadris, não possuem uma intelectualidade, de que elas não estão no mesmo nível cognitivo das pessoas que não rebolam.

– Quando a gente está nesse lugar de mexer a raba as pessoas acham que nós somos inferiores e que podem falar qualquer merda para a gente. (...) porque a gente está rebolando a “raba” a gente não tem nível de intelectualidade e consciência, enfim, a gente é analfabeta, desarticulada, a gente é burra, a gente está fazendo aquilo porque não tem opção, sabe? E não tem nada a ver, sabe. Eu sou uma artista. Eu estou dançando porque eu quero estar aqui e eu faço o que eu quiser no palco. (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

– As pessoas menosprezam o esforço intelectual e físico das danças pretas. As pessoas menosprezam o esforço das artistas, das dançarinas que trabalham especialmente as movimentações de quadril. (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

Ela ainda menciona a música “Nádegas a declarar” de Gabriel Pensador e conta que quando criança não percebia que a letra era imbuída de preconceito escancarado. Trecho da letra mencionada por MC São Paulo (letra da música completa em apêndice C).

Você tira até retrato três por quatro de costas
Pensa com a bunda e quando abre a boca só sai bos...
Talvez você nem seja tão piranha
Mas qualquer concurso miss bumbum que tem, você se assanha
A-aha! E tira foto fazendo pose de garupa de moto
A-aha! Vai sair na revista e o povo vai dizer que você é artista
Porque agora bunda é arte, é cultura, é esporte
É até filosofia, quase uma religião
(...)
Vai, vai lá! Vai entrar na dança, vai usar a poupança
Vai ficar orgulhosa sem saber o mau exemplo que tá dando pras crianças
Adolescentes, adultas e adultos retardados
Que idolatram um simples rebolado
(...)
(GABRIEL PENSADOR, Nádegas a declarar, 1999)

– É o auge do desrespeito às artistas que trabalham com a movimentação de quadril. É uma violência horrível, horrível. E essa música, a letra dessa

música é uma carta puritana, branca, européia, cristã falando mal de pessoas que dançam especialmente movimentação de quadril (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

– Existe esse direito declarado de pessoas que se dizem mais cultas, e que se dizem mais estudadas, para falar mal de pessoas que dançam movimento de quadril. E todo mundo se sente autorizado a falar mal dessas pessoas como se elas fossem melhores, como se elas fossem superiores porque elas não dançam movimento de quadril. (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

É comum também que alguns observadores do rebolado associam o movimento às práticas sexuais. Embora o rebolado possa ter essa vertente, ela não possui essa finalidade. *Eu não vou dizer nem liberdade sexual porque nem é sobre sexo. É sobre dança. É sobre técnica. É sobre cultura.* (MC São Paulo)

– As pessoas não entendem que na verdade a dança e o movimento pélvico, somente, ele pode ter significados diversos. Claro que também está relacionado a sexo, a sexualidade, mas não apenas isso. Porém muito também vem dessa marginalização do rebolado. (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

Em resposta a quais sentimentos o bailarino pretende transmitir ao público, Hanna (1999) exemplifica que em apresentação no Smithsonian Institution, dos bailarinos pós-modernos Douglas Dunn e Deborah Riley em 1981, dividiu opiniões. Quarenta e seis por cento dos espectadores declararam não sentir qualquer emoção. Alguns alegaram que os movimentos dos bailarinos eram robóticos, desprovidos de emoção, e ainda apresentavam ausência de diversão e comunicação. Em absoluto contraste, quarenta por cento dos que reagiram ao espetáculo, observaram erotismo.

Um engenheiro percebeu erotismo no entrelaçamento e giro do casal sobre o soalho e disse que isso o fez sentir-se “de pau duro”. Outra pessoa encarou a dança como “proibida para menores”. Um advogado viu êxtase quando os bailarinos se estavam “reclinando, como que exaustos”, e se sentiu “excitado”. (HANNA, Judith, 1999, p. 228)

Assim, podemos dizer que as diversas reações têm mais relação com quem assiste do que com quem dança.

A percepção das pessoas bem pode ser afetada pela relação da dança com indicadores sexuais da vida diária, assim como com o conhecimento das convenções e inovações artísticas. (HANNA, Judith, 1999, p. 228)

Outra participante ainda estende as manifestações de preconceito através das redes sociais, no qual recebe comentários ofensivos e/ou abusivos de denúncias de seu trabalho. A plataforma ainda dificulta as postagens contendo o movimento da *raba*, pois o conteúdo é considerado impróprio ou pornográfico. Alega também ser

sabotada pela plataforma que não entrega os conteúdos e ainda bloqueia algumas ferramentas de promoção. No entanto, ela relata que, quando recebe comentários de assédio explícito por parte de alguns usuários, ela denuncia, mas aponta que não tem resultado.

– O “instagram”, inclusive, é uma plataforma que dificulta muito o trabalho de pessoas que são artistas da “raba”, né, profissionais da “raba”, “poledance”, pessoas que trabalham com o corpo, que mostram o corpo. (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

– Eu já tive vários problemas com isso, de bloquear postagens minhas... de tirar inclusive ferramentas em que eu poderia estar utilizando para promover melhor o meu trabalho e que eu fico impossibilitada de usar porque eu mostro muito a minha pele. De receber notificação no “instagram” de falar assim... “olha, se você postar isso mais uma vez, a gente vai excluir a sua conta. (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

– (...) de alguém comentar assédios, né, nas minhas postagens ou então me mandar mensagem me assediando, eu denunciar e o “instagram” fala assim “olha, a gente não viu nada de errado aqui”. (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

Ela relata que é comum alguns perfis postarem imagens ou vídeos de professores de *twerk* sem autorização e fora de contexto, geralmente em páginas de conteúdo pornográfico. Para combater ou minimizar o problema, ela conta que os profissionais de *twerk* se juntam em uma comunidade para denunciar essas postagens. Às vezes conseguem derrubar a postagem e outras vezes não. Em resumo, um grupo de profissionais da *raba* precisam se unir, formar uma comunidade para tentarem se defender de ataques de preconceito e desrespeito aos trabalhos delas.

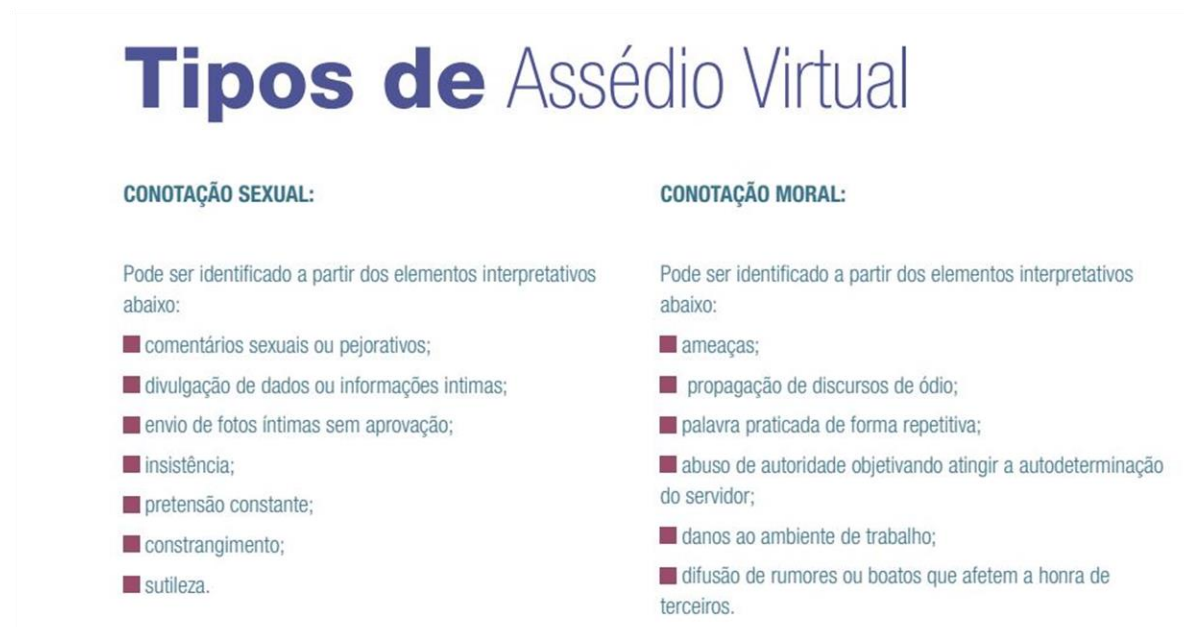
– Uma página faz isso, posta conteúdo nossa fora de contexto, hipersexualizando e assediando. Então, a gente se junta porque a gente tem uma comunidade de professores de “twerk” do Brasil inteiro. A gente se junta e fala assim “galera, vamos denunciar essa postagem. Vamos denunciar essa página?” A gente denuncia. As vezes a gente consegue fazer a postagem cair, as vezes não (...) sozinho a gente não consegue fazer nada. (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

Podemos configurar os ataques sofridos por MC Rio de Janeiro segundo cartilha de assédio, como assédio virtual.

O Assédio Virtual configura-se quando um indivíduo ou grupo de pessoas utiliza a tecnologia digital (internet), objetivando ofender, hostilizar, importunar, intimidar ou perseguir alguém/grupo de indivíduos através da prática de comentários sexuais (artigos 215, 215 a, 216 a e 216 b do Código Penal), pejorativos, divulgação de dados, informações pessoais e a propagação de discursos de ódio feitos na internet. Normalmente, os ataques sofridos por uma vítima de Assédio Virtual são intencionais e direcionados a

violação da dignidade pessoal. O Assédio Virtual está circunstanciado pela conotação Moral e Sexual. (CARTILHA ASSEDIO SEXUAL, 2020)²⁵

Figura 11 - Tipos de assédio virtual



Fonte: (https://bkpsitecpsnew.blob.core.windows.net/uploadsitecps/sites/1/2020/12/2020_cartilha_assedio_Rev_final.pdf)

5.4.2.3 Tema: Racismo

Considera-se como preconceito racial uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente considerada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que lhes atribui ou reconhece. Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico para que sofra as consequências do preconceito, diz-se que é de origem. (NOGUEIRA, 2006, p. 292).

O tema *racismo* está intimamente ligado com o tema acima, *preconceito*, e poderiam estar adjuntos. Outro nome para *racismo* poderia ser *preconceito racial*. No entanto, separou-se os dois temas, a fim de distinguir melhor as falas de preconceito gerais com o funk e o movimento da *raba*, com associações diretas de preconceito contra culturas pretas. A participante que mais debateu e enfatizou essa pauta foi a MC São Paulo, única participante que se identificou como negra.

²⁵(https://bkpsitecpsnew.blob.core.windows.net/uploadsitecps/sites/1/2020/12/2020_cartilha_assedio_Rev_final.pdf)

Pode-se definir a dança funk, segundo a classificação de *danças negras* pelo autor Giuliano Souza Andreoli, como dança de representatividade.

(...) do conceito de danças negras: a) como funcionalidade ou b) como representatividade. No primeiro caso, uma dança é negra porque as suas técnicas corporais, os seus códigos e gestos, a sua relação com a música, enfim, toda a estrutura e dinâmica da sua performance, é identificada como negra por estar ligada a uma tradição cultural étnica da diáspora africana. No segundo caso, uma dança é negra não pelas características e significados estéticos ou técnicos específicos, nem por alguma relação com um repertório cultural étnico, mas porque ela tem como protagonistas dançarinos ou bailarinos negros. (ANDREOLI, 2021, p. 16)

Então, o tema levantado, como lugar de fala de MC São Paulo, foi separado do tema anterior. Ela conta que o preconceito e descriminalização contra o funk e contra danças de movimento de quadril é fruto de racismo por se tratar de danças de origem africana.

– Em 2017 teve uma proposta de criminalização do funk no congresso nacional (...). Quanto isso era reflexo direto do racismo e não tinha outra justificativa para você querer criminalizar uma cultura, né. (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

– Quando a gente fala de criminalização do funk, quando a gente fala de criminalização da cultura preta, a gente está falando de racismo. A gente está falando de limitação e proibição desses corpos. “Você não vai ter liberdade para fazer o que você quiser”. “Como assim você vai fazer o que você quiser?” “Como assim você vai exhibir seu corpo?”. Não. Seu corpo é uma propriedade colonial. Seu corpo é uma propriedade da Europa, da academia da universidade.”. “Você não é livre para fazer o que você quiser.” É dizer, “ponha-se no seu lugar. Você não é livre!” E essa liberdade é o que incomoda. (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

– Acho que essa demonização, essa super erotização de quadril no funk, eu acredito que é devido muito mais ao racismo e a querer demonizar e erotizar tudo o que vem do preto, de ser porque é uma dança de quadril, entendeu? (...). Então as movimentações de quadril foram colocadas nesse lugar da demonização porque foram associadas às danças pretas. (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

Taísa Machado, assim como MC São Paulo, também relata sobre a colonização e sexualização do corpo preto.

(...) o mundo não sabe lidar com a liberdade sexual de uma mulher preta. As pessoas estão presas a um período escravocrata em que a sexualidade da mulher preta era negada. E ela era constantemente abusada. Esse tipo de chacota e repressão num é novidade, desde o lundum, passando pelo samba, o tambor de crioula e o carimbo, todas as danças e as mulheres que dançavam eram chamadas de vulgar, de putas. (MACHADO, Taísa, 2020, p. 45)

MC Rio de Janeiro complementa relatando qual público é mais suscetível a serem hipersexualizados.

– (...) no nosso contexto social, algumas pessoas estão mais suscetíveis a serem assediadas e hipersexualizadas que outras, né. Pessoas pretas, pessoas trans, pessoas que estão à margem mesmo desse merecimento do afeto e do respeito. Pessoas que são vistas socialmente nesse estereótipo de que só servem para transar, só serve para agradar e para servir. (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

MC São Paulo ainda exemplifica a diferença de tratamento de danças brancas para com as danças pretas.

– Quando a gente vê dança contemporânea, a pessoa se esfregando no chão, ninguém fala que ela está se masturbando no chão. Ela está só dançando. (...) acho que tem mais a ver com quem está dançando do que com o que está dançando. (...). Porque quando são mulheres negras dançando, performando, falando sobre seu próprio desejo, isso é demonizado, erotizado. (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

O que pode ser comprovado pelos estudos de Hanna (1999), uma vez que o balé é apontado pelos críticos como uma dança erótica. No entanto, tem grande prestígio social.

Lincoln Kirstein, historiador e diretor do New York City Ballet, reconhece: “O balé, desde que envolve os corpos em estreito contato, possui dimensões eróticas que há muito têm sido pressupostas” (1973,129). Ela dá à arte de 300 anos de balé o nome de “uma perfeita metáfora para a diversão erótica” (1970,98). A crítica do New Yorker Arlene Croce sustenta que “o caráter depreciativo e a obscenidade de toda descrição é uma das duas grandes forças propulsoras por trás do balé” (1982,333). Graham Jackson, outro crítico, refere-se “à natureza altamente física e frequentemente erótica da arte” (HANNA, Judith,1999, p. 221)

5.4.2.4 Tema: Moralismo

Este eixo compreende o modo como o trabalho dos artistas da raba é percebido pelo público mais conservador. Conservador, nesse tema, *acredita que há uma ordem moral duradoura e transcendente, que no caso do conservadorismo ocidental é baseada na doutrina cristã - religião de cultura branca - e tem na religião a sua base na comunidade.* (MATTOS, 2016, p.44). No pensamento político, defende a manutenção das instituições sociais tradicionais, tais como família e religião. Adotam padrões de comportamento e valores para coesão dos indivíduos com a comunidade.

Por "moral" entende-se um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas, etc. (FOUCAULT, 1984, p. 26)

Conforme MC Ceilândia, na visão desse público conservador, pessoas que rebolam estão com *pombagira*²⁶ dentro do corpo, isto é, demônio manifestado. MC Ceilândia conta que na realidade são entidades espirituais femininas, que estão na mesma linhagem de Exu, divindade africana, trabalhando no campo do empoderamento, segundo religiões afro brasileiras. Exemplifica que mulheres feministas ou revolucionárias como Joana D'arc, são mulheres que possuem *pombagira*. Muitas dessas mulheres foram consideradas bruxas ou prostitutas e foram queimadas na fogueira. Para ele, essas mulheres revolucionam os corpos e a sexualidade na sociedade.

– São geralmente espírito de mulheres que... que eram completamente feministas e que elas ultrapassavam esse padrão machista. Geralmente foram mulheres que fizeram história na sociedade, mulheres extremamente empoderadas. (...). Para as pessoas conservadoras, geralmente evangélicas, a pomba gira é uma coisa do demônio (...). Não entendem que são espíritos ancestrais. (MC Ceilândia, 27 anos, homem cis, pardo)

Ele conta que quando movimenta o quadril é comum ele escutar que possui *pombagira*.

– “Esse menino tem pomba gira no corpo. E ele está dançando desse jeito porque a pomba gira está no corpo e tem que levar ele para igreja para poder tirar essa pomba gira que está nele”. (MC Ceilândia, 27 anos, homem cis, pardo)

Aponta ainda que os conversadores buscam por um padrão de comportamento, no qual a região do quadril deve ser preservada, isso é, não exposta, ou em situação que chame atenção.

– “A mulher tem que ser conservadora, do lar, não pode usar saia curta, não pode usar shortinho curto”. E quando você rebola a “raba”, você expõe essas partes. (...) São extremamente conservadoras com essa parte do corpo. (...). Elas lutam por um padrão fechado que não comporta todo mundo. (MC Ceilândia, 27 anos, homem cis, pardo)

Para MC Recanto das Emas, ex - evangélica da igreja Sara Nossa Terra, conta que sentia muita vontade de mover o quadril, mas não o fazia por repressão de sua própria crença.

²⁶ É uma entidade do candomblé e da umbanda, representada por uma mulher sensual, independente e dominadora, incorporada por um ou uma médium. A *pombagira* surgiu no início do século 20, simbolizando uma mulher liberada da submissão imposta ao sexo feminino por uma sociedade machista. Fonte: (<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-a-pombagira/>)

– Lá atrás, ainda tinha outra questão, que isso para mim era pecado. Eu jamais iria fazer isso [mexer a raba]. O máximo que eu dançava era um funk gospel (...) eu lembro da sensação, na verdade eu queria estar “uhul” [demonstrando que queria estar movendo seu quadril]. (MC Recanto das Emas, 27 anos, mulher cis, branca)

Ela entrou para igreja aos 10 anos de idade, liderando células durante esse período, e só parou de frequentar quando já estava na faculdade. Ela fala que se ela visse ela mesma dançando há 14 anos atrás (quando ainda frequentava a igreja) ela iria condenar como algo pecaminoso. No entanto, ela admirava o movimento, mas não dizia a ninguém que gostava. Em suas palavras *eu vou pregar a palavra de Deus para ela, e ela vai conhecer Jesus, e vai mudar de vida.* (MC Recanto das Emas). Ela acreditava que mover o quadril publicamente dava motivo para os outros a assediarem. Hoje ela pensa diferente.

Em um site de doutrinação cristã ensina como a mulher deve portar-se para agradar a Deus. Condena, dentre outros comportamentos, a mulher sensual, alegando o pecado.

Usa da sensualidade – apesar de ser algo que a sociedade valoriza, a sensualidade é um fruto da carne. A mulher que usa da sensualidade, o faz porque quer ser desejada sexualmente. Ela pode ser sensual de várias maneiras: no modo de falar, de andar, vestir, nos gestos, no olhar e até na forma de se comportar. Assim, consegue atrair a atenção masculina, mas da forma errada. Pois, quando age dessa maneira, desperta apenas o interesse sexual, não o de admiração e respeito. Então, se você deseja ser uma pessoa de Deus, a mensagem que tem de passar é de santidade, pureza, respeito, princípios, valores, caráter, enfim, de tudo que representa o Senhor Jesus. (AB NOTÍCIAS NEWS, 2019).

Além disso, os dizeres do site também condenam quem mantém amizades com pessoas que não tem conduta compatíveis com uma seguidora de Deus, referindo-se a essas pessoas como “laranja podre” que contamina as demais. Ou seja, um incentivo à exclusão de pessoas com crenças adversas.

Manter amizades com pessoas que têm os comportamentos citados acima – se você deseja, de fato, ter um padrão elevado de conduta e caráter, precisa andar com pessoas que também tenham isso como meta. Quando você mantém amizades, cujos objetivos são opostos é como uma laranja podre, quando é colocada entre as boas: ela faz com que todas as boas apodreçam. Por isso, a importância de escolher bem suas amizades (AB NOTÍCIAS NEWS, 2019).

MC São Paulo alega na entrevista que os pudores com relação ao corpo são advindos das crenças cristãs.

O sexo, o corpo e o erotismo sempre foram temas de controle religioso-cristão e também foram, na maioria das interpretações sobre o assunto, relegados ao mundo dos pecados e das tentações. (...) o corpo é visto como o lugar das tentações e dos pecados, sendo que esta visão conservadora e negativa do corpo foi, na maioria das vezes, a predominante durante a Idade Média (MIKLOS, Aline, 2014. p.5)

As movimentações de quadril são vistas como algo demoníaco ou perigoso na visão puritanista, diferentemente da visão da população preta.

– *A Europa, na sua forma de ser e de estar no mundo, é com esse olhar puritanista que eles olham para nossa dança e demonizam nossas danças. Erotizam nossas danças quanto, na verdade, não têm necessariamente esse propósito. Pode ter? Pode ter. Por exemplo, o funk de putaria que fala sobre isso.* (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

Ela relata uma experiência que teve após terminar um casamento. Em um perfil do *instagram*, publicaram uma foto dela durante uma apresentação em palco, no qual ela estava posicionada no ombro de um outro bailarino com seu quadril encaixado no rosto dele. Uma amiga, católica, viu a foto e foi questioná-la sobre a exposição.

– *“Você acha que uma foto dessa, é uma foto de uma mulher de Deus? É por esse tipo de coisa que o seu casamento acabou porque a família é um projeto de Deus...”[continua] “Por que que você vai tirar foto assim? Por que que você permite que postem foto assim? É essa a imagem que você quer passar para o mundo?” (...)* *“Se você quer dançar, por que que você não faz dança de salão com seu marido?”*. (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

Ela responde que não tem vontade de aprender dança de salão. *Eu não gosto (...) Eu quero estudar funk, eu quero estudar dancehall, eu quero estudar vogue.* Visões ainda amarradas nos moldes patriarcal de que a figura feminina tem que agradar e servir ao marido.

[...] Na sociedade tradicional, a mulher não possuía estatuto fora do casamento; ele era a única instituição que lhe permitia se realizar como ser social. Torna-se uma “santa esposa e mãe” – como queria a Igreja católica – davam o respeito, a mobilidade social e segurança tão almejadas pelas populações femininas. (DEL PRIORE, Mary, 2014, p.30)

Em suma, os movimentos de quadril são percebidos pelo outro sob duas maneiras distintas (desconsiderando uma percepção de neutralidade): a de simpatia e a de incômodo. As notas de repúdio geradas pelo movimento da *raba* tem origens ligadas ao machismo, ao preconceito, ao moralismo religioso cristão e ao racismo.

5.5 A Origem do Rebolado

A adição desse eixo se deu pelo surgimento espontâneo no diálogo de três entrevistados, no qual trouxeram informações sobre a origem do movimento de quadril. Embora a *raba* e seu *rebolado* estejam em voga nos últimos tempos, o movimento pélvico é ancestral e possui suas origens na África.

– *O funk surgiu daqui, mas a “raba” [referindo-se ao movimento], ela já vem acontecendo desde a África. As mulheres mexem o quadril, os homens mexem o quadril. Na Europa a gente não vê tanto esse movimento pélvico acontecer (...). Esse movimento pélvico é uma coisa ancestral* (MC Ceilândia, 27 anos, homem cis, pardo)

– *Gente, essa movimentação de quadril é uma parada milenar. Sempre existiu e sempre vai existir. E não é uma parada desta ou daquela dança (...) esses movimentos surgiram primeiramente na África e tudo o que vier de África eu sou herdeira, por herança mesmo ancestral.* (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

– *O funk, a gente chama ele de tamborzão por um motivo. Esse tamborzão é o mesmo do tambor do samba, do maculelê, do jumbo das religiões de matriz africana, sabe. Essas movimentações de quadril elas sempre estiveram presentes em todas as danças tradicionais africanas.* (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

– *Está presente em muitas danças e não só no funk, né? E você pode observar o nosso samba tem muito quadril, né. A nossa capoeira, nossa ginga, a nossa bacia para baixo, nossas pernas abertas e a bacia para o chão é constante em diversas das nossas danças.* (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

– *O rebolado é uma coisa ancestral. Ela vem muito antes do que a gente imagina, sabe. Ela é muito antiga.* (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

Em concomitância à ancestralidade do rebolado, Taísa menciona a dança do ventre que já atravessa séculos de história e saberes.

Mostrar que nas formas descolonizadas de dança existe muita sabedoria, e as mulheres levam esse aprendizado para lugares que vão muito além da pista de dança. (...) e o que as mulheres já fazem há 5 mil anos é a dança do ventre, por exemplo, que é uma dança ancestral. A maioria dessas danças da antiguidade nasceu com um propósito: preparar a mulher para parir e para transar. (MACHADO, Taísa, 2020, p. 35)

Segundo MC Rio de Janeiro, tanto o funk como o *twerk*, são danças de cultura preta, de matrizes africanas e, dessa forma, são consideradas danças de resistência.

(...) o fluxo e o refluxo de escravos criou trocas culturais que possibilitaram às populações oprimidas negras formarem culturas à margem do modelo dominante. Nessas culturas subalternas e contra-hegemônicas, os sujeitos negros criaram signos de resistência cultural à Modernidade eurocêntrica. Tratam-se das culturas do “Atlântico Negro”: práticas transnacionais e

translocais que se encontram distribuídas no entorno de todo o Oceano Atlântico. (ANDREOLI, 2021, p. 17)

Sobretudo quando transitamos por estéticas africanas com-temporâneas, em tempos de sociedades espetáculos, cujos “os olhares silenciosos” ativam memórias que habitam um corpo transatlântico e se espalham nas fronteiras dos irmãos de ventre africano (CONRADO, Ana Amélia; BIRIBA, Raissa, 2021, p.6)

Ela conta que o nome *twerk* vem dos Estados Unidos, de Nova Orleans, e se refere ao nome de um movimento e que, posteriormente, tornou-se uma modalidade de dança, após ir para mídia. O *twerk* vem da cultura *Nola Bounce* que é composta majoritariamente por pessoas pretas e pertencentes à comunidade LGBTQIAP+. Ela cita como referência à cultura a cantora *Big Freedia*, que é uma mulher trans e negra. As movimentações do *twerk* vieram da dança *Mapouka*, originária da Costa do Marfim e, portanto, africana. Não há registro escrito da dança, elas são passadas oralmente e com os processos de colonização e descriminalização, muito conhecimento se perdeu.

– *Danças de matrizes africanas, de culturas pretas (...) de culturas que foram completamente dizimados durante a escravidão, a colonização, ne, retirados de suas casas, de suas famílias, de suas culturas, descriminalizadas. Até hoje a gente tem uma questão com a criminalização do funk. Então, quando a gente fala de rebolado, a gente fala de resistência. Não tem como desconectar as duas coisas.* (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

– *Todas essas danças de quadril foram, em algum momento, proibidas. Tem uma dança da Costa do Marfim que chamava “Mapouka” e ela foi proibida. E ela era uma dança só de quadril. Ela foi proibida! Proibida em lei, entendeu?* (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

5.6 A Fala da *Raba*

Esse último eixo, que leva o nome desta monografia, abarca o núcleo da investigação desse trabalho que se propôs a averiguar se há uma intencionalidade no mover a *raba*, se ela se comunica com a sociedade e o que ela pode expressar. As falas coletadas durante as entrevistas nos mostram que há uma intencionalidade no mover, a fim de estabelecer uma autonomia e liberdade de seus corpos. Em outras palavras, trata-se de uma reafirmação de ser e estar do indivíduo.

– *Minha intenção é mostrar quem eu sou. Um ser humano que está “foda-se” para o sistema, foda-se para o preconceito (...). Eu rebato com a “raba” (...) “Olha eu aqui batendo o cú na cara do preconceito!”*. (MC Ceilândia, 27 anos, homem cis, pardo)

– *Eu quero ser eu, quero fazer o que eu quero, ter a minha independência. Quando eu mostro quem eu sou também, eu mostro esse poder. Quando eu estou rebolando a minha “raba”, apesar dos olhares, apesar das opiniões, eu acho que eu estou dizendo para o mundo também que eu faço o que eu quiser. O corpo é meu, né. Eu tenho esse poder sobre o meu corpo*” (MC Recanto das Emas, 27 anos, mulher cis, branca)

– *O que está querendo dizer é que o corpo é meu e eu mexo como eu quiser, como eu souber mexer, tipo, ninguém vai me dizer como é para eu dançar, como é para eu fazer. O corpo é meu. A técnica é minha. Eu faço isso com meu corpo como eu quiser, onde eu quiser do jeito que eu quiser.* (MC São Paulo, 34 anos, mulher cis, negra)

– *A dança antes de tudo, ela vem antes da palavra, então assim, é uma forma de comunicação (...) eu acho que é um lugar que a gente se sente pertencente, para se sentir válida, né.* (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

– *Sinceramente, é o último público com o qual eu quero ter algum tipo de comunicação e contato. Eu quero ter comunicação e contato com pessoas que estão dispostas a me ouvir e a me receber.* (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

O movimento da *raba* também está associado a um ato político, como um confronto simbólico social.

– *Um lugar que eu me coloco para lutar (...) e é nesse lugar que a minha “raba” vira uma luta política. Elas não conseguem entender [referindo-se ao grupo de pessoas que repudiam a arte do rebolado] que o mundo é diversificado, que existem várias cores, vários sexos, elas não conseguem entender isso.* (MC Ceilândia, 27 anos, homem cis, pardo)

– (...) *o fato de eu estar ali presente já diz tudo. Eu não preciso falar, eu não preciso brigar com elas, não preciso bater boca com elas, eu só preciso mexer a “raba”, é simples!* (MC Ceilândia, 27 anos, homem cis, pardo)

Além disso, o movimento da *raba* também promove um sentimento de união e de pertencimento àqueles que praticam.

– (...) *entendem aquele espaço, quanto espaço de pesquisa, aprendizado, compartilhamento, ne? Como uma rede também, um coletivo que está ali para te dar um suporte também, aprender e estudar.* (MC Rio de Janeiro, 22 anos, mulher trans, branca)

O que esses depoimentos nos mostra é que existe uma intenção no mover o quadril que comunica à sociedade que seus corpos são livres, não pertencem a padrão comportamentais estabelecidos, tampouco são propriedades de uma outra pessoa e que a *raba* não recebe ordens. Parafraseando Pocah, ninguém manda nessa *raba*. Podemos inferir dos discursos que esses movimentos afrontam o modelo conservador e brigam por diversidade, liberdade e inclusão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi investigar as possíveis narrativas que as danças com ênfase nas movimentações de quadril – rebolado – podem comunicar à sociedade. Esse estudo adotou métodos qualitativos a fim de extrair se há essa intenção de comunicação e quais são suas principais falas propostas pelo movimento. Para isso, utilizamos entrevistas semiestruturadas, análise e classificação do conteúdo levantado.

As principais danças citadas foram o funk, o *twerk* e a dança do ventre. Assim, no primeiro capítulo vimos uma breve história dessas danças, abarcando sua origem, contextos sociais e transformações que a dança atravessou ao longo de seu percurso até chegar nos dias atuais como a conhecemos hoje. Podemos observar que as três danças são maciçamente dominadas por mulheres, embora não seja exclusivamente feminina. Todas elas foram marginalizadas e apresentam histórias de proibição e discriminação. Apesar do preconceito sofrido, ainda sobrevivem e resistem em vários países no mundo.

O estudo visou compreender quem é o sujeito que rebola. Quais os espaços em que esse fenômeno ocorre. Quais benefícios essa prática pode ter. Quais as percepções que as pessoas têm sobre o movimento da *raba*. Qual a origem do rebolado e por fim, quais são seus discursos e bandeiras levantadas. Assim, o material foi dividido em seis categorias: *o sujeito; espaços praticados; a própria percepção; a percepção dos outros; a origem do rebolado e a fala da raba*.

Os resultados sugerem que os grupos que praticam essas danças são mulheres, negros e pessoas LGBTQIAP+. Também apontam que essa prática possui um caráter tanto coletivo – contextos festivos -, quanto individual – treino e auto prazer -. Alguns entrevistados relataram não se sentir muito à vontade para dançar em ambientes com pessoas que não veem valor artístico no movimento e que as consideram imorais e outros disseram dançar independente do ambiente. Podemos concluir que o ambiente social pode ser um fator influenciável, pois acarreta na inibição de alguns praticantes. O incentivo familiar e escolar também foram fatores relevantes na formação artística do indivíduo.

Falas atribuídas pelos entrevistados, contribuem e reafirmam estudos da literatura em que mover o quadril traz inúmeros benefícios ao praticante. Dentre elas podemos mencionar o aumento da autoestima, do bem-estar e do empoderamento.

O estudo também insinua que a prática movimenta energias bloqueadas e trabalha a ativação dos chakras da parte inferior do corpo. Essas ativações podem promover maior libertação sexual e por consequência, maior prazer.

O estudo nos mostra que o rebolado é um divisor de águas no que tange às opiniões do público que a observa, pois parte demonstra apoiar e incentivar a dança enquanto outros a demonizam. Dentre esse último público, as razões pelas quais o rebolado é reprovado se justificam em visões machistas, preconceituosas, racistas e moralistas.

Assim, a *fala da raba* rebate a esses discursos. A história dessas danças nos mostra anos de resistência, na contramão de falas depreciadoras. São danças pertencentes às minorias (mulheres, negro, LGBTQIAP+) que buscam espaços sociais e brigam por direitos, ou seja, danças de representatividade. Neste prisma, podemos dizer que o movimento de quadril – dentro do contexto apresentado - sugere um confronto simbólico no qual contesta a normativa heterohegemônica. Desse modo, mover as ancas possui um potencial transformador e, portanto, pode ser vista como um ato político.

Podemos afirmar que a *fala da raba* é uma forma de expressão que visa libertação, autonomia e descolonização dos corpos oprimidos, despertando sua potência revolucionária e desfazendo os estereótipos historicamente construídos. Deixar os quadris falar é dar voz àqueles que precisam ser ouvidos.

REFERÊNCIAS

AB NOTÍCIAS NEWS. **Folha Universal**. Compartamentos que não condizem com o perfil de um mulher de Deus. 2019. Disponível em: <https://abnoticianews.com.br/noticia/4855/comportamentos-que-nao-condizem-com-o-perfil-de-uma-mulher-de-deus> Acesso em: 15 jun. 2022.

ABRÃO ACP, PEDRÃO LJ. **A contribuição da dança do ventre para a educação corporal, saúde física e mental de mulheres que freqüentam uma academia de ginástica e dança**. Rev Latino-am Enfermagem 2005 março-abril; 13(2):243-8.

ADRA, Najwa. **"Belly Dance: an urban folk genre"**. Anthony Shay e Barbara Sellers-Young (eds). *Belly Dance: Orientalism, Transnationalism & Harem Fantasy*. Costa Mesa: Mazda Publishers, Inc 2005

AKINDES, Simon (2002). **"Tocando 'Loud and Straight': Reggae, Zouglou, Mapouka e Insubordinação Juvenil na Costa do Marfim"**. Tocando com Identidades na Música Contemporânea na África. Instituto da África Nórdica. pp. 99–100. ISBN 9789171064967.]

ANDRADE, Euzania. **O Ensino da arte na escola e sua responsabilidade na formação científica e artística do indivíduo**. 1998 Disponível em: <file:///C:/Users/Admin/Downloads/artigo+11.pdf>

ANDREOLI, Giuliano. **Por um conceito de danças negras**. Revista Arte da Cena, v.7, n.1, jan-jul/2021 Disponível em: <https://revistas.ufg.br/index.php/artce>

ARCINIEGA, M. G; ANDERSON, T. C; TOVAR-BLANK, Z. Tracey. ***Toward a Fuller Conception of Machismo: Development of Machismo and Caballerismo Scale*** *Journal of Counseling Psychology*. 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70, 2016.

BARRETTO, Silva, Raquel. **O que caracteriza o relacionamento abusivo?** Repórter Unesp. 2015. Disponível em : <http://reporterunesp.jor.br/psicologa-explica-relacionamentos-abusivos-oque-e-e-como-lidar-com-essa-situacao/>. Acesso em: 1 jul. 2022

BENCARDINI, Patrícia. **Dança do Ventre: ciência e arte**. São Paulo: textonovo, 2002

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2002

BRASIL. Lei nº11.340 de 7 de Agosto de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm . Acesso em: 10 jul. 2022

BRASIL, Lei Nº10.224, de 15 de maio de 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10224.htm Acesso em: 10 jul. 2022

Cartilha **Assédio moral, virtual e sexual no trabalho**. São Paulo. Disponível em: https://bkpsitecpsnew.blob.core.windows.net/uploadsitecps/sites/1/2020/12/2020_carilha_assedio_Rev_final.pdf acesso em: 1 jul. 2022

CHAGAS, Inara. 03/08/2018. Como o funk surgiu no Brasil e quais são suas principais polêmicas? **Politize**. Disponível em: <https://www.politize.com.br/funk-no-brasil-e-polemicas/> Acesso em: 16 nov. 2021

CONRADO, Ana Amélia; BIRIBA, Raissa. **Danças Africanas e as reconfigurações de identidades em territórios da afrodíaspóra**. Salvador, Bahia. 2021 Disponível em: file:///F:/ANA%20JULIA%20LOJA%20E%20ADEMAIS/IFB/TCC/132338.pdf

COUTINHO, Reginaldo Aparecido. **Funk como movimento cultural e musical: Cotidiano e embates sociopolíticos em torno da implementação da lei 5543/2009** do Estado do Rio de Janeiro. UEPR. 2014

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher**. São Paulo– SP, ed.Planeta, 2014.

Dicio. **Significado de Preconceito**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/preconceito/> acesso em: 3 jul. 2022

EGLER, Tamara Tania Cohen 2003b “**O espaço social na metrópole**”, Seminário Nacional Região Metropolitana: Governo Sociedade e Território, UERJ, novembro.

EPSTEIN, J. L.; CONNORS, L. J. **A colaboração escola e família no 3.º ciclo e no ensino secundário**. Revista ESES, Santarém, 1992.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Violência contra mulheres em 2021** Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf> Acesso em: 7 jul. 2022

FOUCAULT, Michel. **Histoire de la sexualité**, vol 1,2,3. Gallimard, Paris, 2011.

FOUCAULT, Michel, **HISTÓRIA DA SEXUALIDADE 2**, o uso dos prazeres, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GERALDO, Nathália 10/01/2021. Arraste o sofá e rebole: a gente conta por que mexer o quadril faz tão bem... **UOL**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/01/10/rebolar.htm> Acesso em: 29 jun. 2022

HANNA, Judith. **Dança, sexo e gênero. Signos de identidade, dominação desafio e desejo**. Tradução GAMA, Mauro. Rio de Janeiro. 1999

HELENE, Diana. **A Marcha das Vadias: o corpo da mulher e a cidade**. In: REDOBRA 11, ano 4, número 1, CORPOCIDADE 3, 2013, p. 68 -79 Disponível em: http://www.redobra.ufba.br/wpcontent/uploads/2013/06/redobra11_08.pdf) Acesso em: 9 jul. 2022

KORELO, Raciele; KOSIBA, Célia; GRECCO, Letícia; MATOS, Rafaela. **Influência do fortalecimento abdominal na função perineal, associado ou não à orientação de contração do assoalho pélvico, em nulíparas**. 2011

MACEDO, Suzana. **DJ Marlboro na terra do funk** [DJ Marlboro in the Land of Funk]. Rio de Janeiro. 2003

MACHADO, Taísa. **Cabeças da periferia: Taísa Machado o Afrofunk e a ciência do rebolado**. Editora Cobogó, 2020.

MARCHESINI, Lucas. O que tem rolado nas letras das músicas brasileiras? **Metropoles**. 6 de Outubro de 2019 Disponível em: <https://www.metropoles.com/materias-especiais/o-que-tem-rolado-nas-letras-das-musicas-brasileiras> Acesso em: 23 sem. 2021

MATTOS, Alessandro. **O livro urgente da política brasileira**. Um guia para entender a política e o Estado no Brasil. 1ª Edição. 2016. Disponível em: <http://www.politize.com.br/> Acesso em: 9 jul. 2022

MEDEIROS, Janaína. **Funk carioca: crime ou cultura?: O som dá medo. E prazer..** São Paulo: Terceiro Nome, 2006.

MENDES, M. I. B. S., NÓBREGA, T. P. (2009). **Cultura de movimento: reflexões a partir da relação entre corpo, natureza e cultura**. Revista Pensar a Prática, 12 (2) 1-10.

MIKLOS, Aline. **O interdito, a transgressão religiosa e a desobediência do corpo feminino na arte contemporânea**. CRAL-EFISAL. 2014

MINAYO MCS. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde.** 6^a ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco [Coleção Saúde em Debate, 46]; 1999.

MUNANGA, Kabengele. **Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo.** USP, São Paulo

NOGUEIRA Oracy. **Preconceito de marca.** As relações raciais em Itapetininga. USP

Oxford. Definition of twerk. Disponível em: <https://www.lexico.com/en/definition/twerk> acesso em: 8 jul. 2022

PENNA, Lucy Coelho. **Dance e recrie o mundo.** Editora Summus. São Paulo, 1993.

SAID, Edward. **Orientalismo.** São Paulo: Companhia das Letras. 1990

SALVIANNA, **Hermano.** **O Baile Funk Carioca: Festas e Estilos de Vida Metropolitanos.** 1987. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987. Disponível em: https://www.academia.edu/31952607/HERMANO_VIANNA_-_O_BAILE_FUNK_CARIOCA.PDF. Acesso em: 16 nov. 2021

VYGOTSKY, Levi, Semynovitch. **A formação Social da Mente.** Cole, Michael (org). 5^o Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VIOLÊNCIA contra mulher em dados. **Instituto Patrícia Galvão.** 2022. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/> acesso em: 7 jul. 2022

VIOLÊNCIA contra mulher em dados. **Instituto Patrícia Galvão.** 2022. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/mortes-lgbti-aumentaram-em-3333-no-brasil-ano-passado/> acesso em: 7 jul. 2022

SALGUEIRO, Roberta da Rocha. **“Um Longo Arabesco” Corpo, subjetividade e transnacionalismo a partir da dança do ventre.** 2012. 191 f. Tese Doutorado em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2012

SHAY, Anthony; SELLERS-YOUNG, Barbara (eds). 2005. **Belly Dance: Orientalism, Transnationalism, and Harem Fantasy.** Costa Mesa: Mazda Publishers

SHAY, Anthony. WOOD, Leona. **“Danse du Ventre: A Fresh Appraisal”** In: *Dance Research Journal*, Vol. 8, nº2 (Spring-Summer, 1976). pp.18-30

SHAY, Anthony; SELLERS-YOUNG, Barbara. **Belly Dance: Orientalism — Exoticism — Self-Exoticism**. Dance Research Journal 35, no. 1 (Summer, 2003), pp. 13-37.

SILVA, Aline Manta. **Fortalecimento do Assoalho Pélvico Através da Dança do Ventre**. 2009. 20f. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Fisioterapia (Bacharelado), Universidade Católica de Salvador, Salvador, 2009.

SILVA, Sara. **Presença cênica, consciência corporal e ativação energética através de uma abordagem somática da dança do ventre**. Salvador. 2013

TAYLOR, Steven, BOGDAN, Robert, DEVAULT, Marjorie. **Introduction to Qualitative Research Methods: A Guidebook and Resource**, 4th Edition. 2015. ISBN: 978-1-118-76721-4

TOTH, Lucille. **Praising twerk: Why aren't we all shaking our butt?**. French Cultural Studies. 2017 Disponível em: file:///C:/Users/Admin/Downloads/2017-PraisingTwerk.pdf

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. **O que é violência**. São Paulo: Brasiliense. 2003

APÊNDICE A — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa intitulado(a) **A fala da Raba** desenvolvida(o) por **Ana Júlia Sampaio Maluf**. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é [coordenada / orientada] por **Dra. Gláucia Melasso Garcia de Carvalho**, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº **(61) 999863099** ou e-mail anajuliamaluf@gmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é compreender o que a dança com ênfase nos movimentos de quadril pode comunicar à sociedade.

Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semi-estruturada. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es).

Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Brasília, ____ de Junho de 2022.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

I Aspectos identitários e história de vida (Sujeito)

- Como você se identifica?
 - Profissão, gênero, orientação sexual, cor, religião, residência.
- Como entrou na dança?
 - Quando? Modalidades estudadas? Interesses?
- Como começou a mexer a raba? Por que?
 - Averiguar quais estilos de dança praticado?

II Espaços onde são realizadas as práticas

- Quais Lugares você dança? Contesto de festa (socialmente)? Sozinha?
 - Averiguar: quais lugares a/o entrevistada(o) se sente à vontade em mexer a raba e quais lugares não. Se há essa distinção e por quê?

III Como se percebe (Própria Percepção)

- Como se sente ao mexer a raba?
 - Averiguar: Sentimentos, satisfação, empoderamento, autoestima, saúde, diversão.

IV Como o outro percebe

- Como a sua família, amigos e público veem seu trabalho (mexer a raba) ?
 - Averiguar se há apoio ou não das pessoas que observa o trabalho. (Se há essa distinção de apoio) Você consegue identificar quais grupos de pessoas que te apoiam e quais não? Como você percebe isso?
 - Averiguar que públicos são esses. Quais características? Como eles reagem

(caso haja essa observação) Você poderia me fornecer exemplos de situações em que seu trabalho foi elogiado ou insultado?

V O que a raba expressa

- O que sua expressão artística diz para o mundo (para as pessoas que te observam?)
- Há uma intenção de mensagem artística?
 - Averiguar se há comunicação/fala da raba para o mundo.

APÊNDICE C – LETRA DA MÚSICA “NÁDEGAS A DECLARAR”

Compositores: Arnolphe Lima Filho / Fernanda Sampaio De Lacerda Abreu / Gabriel Contino

Ordem e progresso, sua bunda é um sucesso
 Nádegas a declarar, nádegas a declarar
 Ordem e progresso, sua bunda é um sucesso
 Nádegas a declarar
 Nádegas a declarar? Claro que não!
 Eu tenho opinião nesse papo de bundão
 E vou dizer, mas primeiro você, Fernanda
 Primeiro as damas, o que que você manda?
 Aí, Gabriel, vou logo deixar claro, não é lição de moral
 Todo mundo tá sabendo que sambar é tropical
 No país do futebol e carnaval
 Mexer essa bundinha até que é natural
 No meu ponto de vista
 Sem querer ser feminista
 A bundalização é bastante estimulada
 Por essa cultura machista, você sabe... tá cheio de porco-chauvinista
 Por isso que esse papo não é só pras menininhas
 É pra todos esses caras que dão força, que dão linha
 No concurso, na promessa de futuro
 No programa de TV e no rádio toda hora pra você
 A-aha! Arrebita a rabeta!
 A-aha! E me diz, meu bem, o que mais que você tem?
 A-aha! Arrebita a rabeta!
 Arrebita bem a bunda, vagabunda, que a bunda é tudo de bom que você tem
 O que que você tem de bom além do bumbum? Um talento, algum dom?
 Ou as suas qualidades estão limitadas ao balanço dessa bunda arrebitada?
 O que que você tem além da bunda?
 Pense bem que a pergunta é profunda
 Não, não é isso, menina!
 Eu não tô falando da sua virilha
 Que deve ser uma maravilha, mas seu cérebro é menor do que um caroço de ervilha
 Ô minha filha, acorda pra vida
 A sua bunda tá em cima, mas sua moral tá caída
 A dignidade tá em baixa
 Você só rebola, só rebola, só rebola e se rebaixa
 E se encaixa no velho perfil:
 Mulher objeto em pleno ano dois mil
 E um, e dois, e três
 Sempre tem alguém pra ser a bunda da vez
 Te chamam de celebridade e você acredita
 Enche o rabo de vaidade e arrebita
 Você tira até retrato três por quatro de costas
 Pensa com a bunda e quando abre a boca só sai bos...
 Talvez você nem seja tão piranha
 Mas qualquer concurso miss bumbum que tem, você se assanha
 A-aha! E tira foto fazendo pose de garupa de moto
 A-aha! Vai sair na revista e o povo vai dizer que você é artista
 Porque agora bunda é arte, é cultura, é esporte
 É até filosofia, quase uma religião
 E se você tiver sorte pode ser seu passaporte para fama
 Ou pra cama, pode ser seu ganha-pão
 Bunda conhecida, bunda milionária
 Bonitinha mas ordinária
 Que nem otária na TV, de perna aberta
 Queima o filme das mulheres e se acha muito esperta

Vai, vai lá! Vai entrar na dança, vai usar a poupança
 Vai ficar orgulhosa sem saber o mau exemplo que tá dando pras crianças
 Adolescentes, adultas e adultos retardados
 Que idolatram um simples rebolado
 [Bando de bundão!!] Aplaudindo a atração
 [Não pelas idéias, mas pelo burrão]
 [-"Ordem e progresso, sua bunda é um sucesso...
 -Ai, nádegas a declarar!"]
 [Lombo ambulante, burrão ignorante!!]
 Sua bunda é alucinante
 A rabeta arrebeta mas beleza não é tudo
 Além da forma tem que ter conteúdo
 Senão você se torna descartável
 Que nem uma boneca inflável
 Então encare a realidade com seu olho da frente
 E veja a vida de uma forma diferente
 Porque uma mulher decente pode ser muito mais atraente que uma bunda sorridente
 Então, garota sangue bom
 Se liga na missão, se liga nesse toque
 Ser ou não ser, eis a questão
 A vida é bem mais que um número no lbope
 Deixe a sua mente bem ligada ou vai ficar injuriada
 Reclamando que não é valorizada
 Pára pra pensar, bota a bunda no lugar
 E a cabeça pra funcionar
 Refrão
 Solta essa bundinha, solta o verso
 Solta a rima. Minha filha, solta o verbo na cara do Brasil
 Que atrás de você virão mais de mil
 Eu também não sou chegado em celulite
 Mas eu vou te dar um palpite, exercite a tua mente
 E não se irrite se eu tô sendo muito franco
 Mas atualmente ela só pega no tranco
 Amanhã você vai olhar pra trás
 E vai ver que o seu colã já não entra mais
 Vai querer fazer uma lipo, vai querer meter silico
 E vai continuar pagando mico
 Refrão
 Ordem e progresso, sua bunda é um sucesso
 Nádegas a declarar, nádegas a declarar
 Ordem e progresso, sua bunda é um sucesso
 Nádegas a declarar
 Ordem e progresso, sua bunda é um sucesso
 Nádegas a declarar, nádegas a declarar
 Ordem e progresso, sua bunda é um sucesso
 Nádegas a declarar